

Stálin Disposto a Conferenciar Com Eisenhower

NOVA e inestimável contribuição vem de dar o generalíssimo Stálin à causa da paz mundial. A 21 do corrente o jornalista americano J. Reston, correspondente diplomático do «New York Times», enviou ao generalíssimo Stálin um questionário sobre a situação internacional. Quatro dias depois, isto é, a 25 do corrente, o generalíssimo Stálin respondeu a J. Reston. Oferecemos aos nossos leitores o texto integral dessa entrevista:

PERGUNTA: — No momento da entrada do ano novo e do início da nova administração nos EE. UU. ainda mantendes a vossa convicção de que a

U.R.S.S. e os EE. UU. podem viver pacificamente nos próximos anos?

RESPOSTA: — Continuo acreditando que a guerra entre os EE. UU. da América e a U.R.S.S. não pode ser considerada inevitável e que os nossos países também no futuro podem viver em paz.

PERGUNTA: — Na vossa opinião onde se encontra a origem da atual tensão internacional?

RESPOSTA: — Em toda parte e em todas as coisas onde se manifestam as ações agressivas da política da guerra fria dirigida contra a U.R.S.S.

PERGUNTA: — Vós aprovaríeis a realização

de conversações diplomáticas com representantes da nova administração, de Eisenhower, para examinar a possibilidade de uma entrevista entre vós e Eisenhower acerca do problema da diminuição da tensão internacional?

RESPOSTA: — Sou favorável a tal proposta.

PERGUNTA: — Colaboraríeis em qualquer nova medida diplomática que tenha como objetivo pôr termo à guerra na Coréia?

RESPOSTA: — Concordo em colaborar, porquanto a União Soviética está interessada na liquidação da guerra na Coréia.

Voz Operária

N. 155 - Rio de Janeiro, 27-XII-1952

UNIÃO CONTRA O ACÓRDO INFAME



Saudação de Prestes Ao Grande Stálin

A 21 do corrente, por motivo do 13.º aniversário do generalíssimo Stálin, Luiz Carlos Prestes dirigiu-lhe o seguinte telegrama:

«José Stálin — MOSCÓU

Ao grande mestre, guia e chefe dos povos de todo o mundo, as nossas mais afetuosas felicitações pelo transcurso do seu 73.º aniversário.

Muita saúde e longos anos de vida ao estremo e sábio camarada Stálin, o melhor amigo do povo brasileiro, campeão da paz mundial.

(Ass.) — Luiz Carlos Prestes.

EDITORIAL

DERROTAR O ACÓRDO INFAME

FORAM os protestos que se ergueram em todo o país, as denúncias dos patriotas, as manifestações de pessoas de todas as condições sociais que impediram a ratificação pelo Parlamento, este ano, do chamado Acórdio Militar com os Estados Unidos. O caráter «secreto» da discussão, com que se pretendia impedir que o povo enxergasse a cara dos traidores, não pôde ser mantido; a urgência, imposta por determinação direta de Vargas, não prevaleceu. A vontade dos brasileiros, expressa em milhares de telegramas e moções, na atitude de muitos jornais, em resoluções de sindicatos, na crítica e na ação de um numeroso grupo de deputados, em poderosas manifestações de rua impediu que o crime se consumasse.

Isto não significa, entretanto, que o perigo esteja eliminado. A ambição do imperialismo americano de assenhorear-se das riquezas nacionais, de dispor de nossa mocidade para suas aventuras criminosas, de fazer do Brasil um país vassalo é cada vez maior. E também o grapo de vende-pátria — os Vargas, os Lafer, os Jafet, os Moreira Salles, os Chateaubriand, os Ademar — anseia cada vez mais pelas gordas comissões que os banqueiros iníquos lhes prometem. O Acórdio voltará a ser discutido assim que a Câmara volte a reunir-se, em janeiro, e só será definitivamente derrotado se o povo souber impor sua vontade.

Todos quantos vêm lutando em defesa do petróleo, contra a entrega dos nossos minérios aos trustes iníquos, contra a entrega da Amazônia aos americanos estão chamados a tomar posição ativa nesta batalha. Mas é preciso ir muito mais longe. Esta é uma luta muito mais ampla e ainda mais decisiva. Trata-se de mobilizar todos aqueles para quem o sentimento de Pátria não é uma noção «fora de moda», como pretendem os serviços dos americanos. Trata-se de convocar todos quantos desejem impedir que a bandeira americana venha a tremular nas bases brasileiras, que generais iníquos ditem ordens a nossas forças armadas, que os brasileiros venham a ser utilizados como massa de manobra das ações agressivas do exército iníquo.

É na base da união e da organização de todas as forças patrióticas que o «Acórdio Militar» será repellido. «O povo unido pode derrotar o Acórdio Militar», proclamava o Comitê Nacional do P.C.B. em recente resolução. Os comunistas que, coerentes com seus princípios e com seu passado, denunciaram desde o primeiro momento o verdadeiro caráter do Acórdio Militar, são os primeiros a proclamar que esta é uma campanha de todo o povo: o patriotismo não é monopólio de um grupo ou de um partido. «Não se trata agora de nobres ou ricos, de diferenças de pontos de vista políticos ou religiosos...», diz-se naquele documento. E mais: «desde as grandes massas operárias e camponesas até os comerciantes, industriais e agricultores, mesmo os mais abastados, estamos todos ameaçados... a guerra atinge a todos, a todos prejudicará».

Todo esse enorme potencial deve ser rapidamente mobilizado pelos patriotas. Uma intensa propaganda — em que os jornais e estações de rádio deverão ter um lugar destacado, ao lado dos milhões de volantes, das conferências, jornais murais, cartazes, etc — preparará as condições para as manifestações individuais e coletivas que farão prevalecer a vontade do povo. Em cada povoação, em cada cidade, em cada Estado é natural e é necessário que os patriotas se organizem e se unam para levar adiante a campanha encetada. Todos os métodos de luta devem ser utilizados, desde as visitas de casa em casa, os telegramas e abaixo-assinados até os comícios e manifestações de massa, as resoluções de assembléias, as moções de câmaras municipais e estaduais, etc. Mas, no momento uma atenção particular deve ser dada a todas as manifestações populares destinadas a deixar bem claro a cada deputado federal, a cada senador, que sua atitude diante desse problema vital para a Pátria está sendo observada com interesse por milhões de brasileiros, que quantos ousarem defender o instrumento de colonização e guerra que é o Acórdio Militar ficarão marcados com o ferrete da traição.

Nosso povo derrotará o Acórdio infame. Nosso povo saberá defender a vida dos seus filhos, saberá sustentar a bandeira da paz e da independência nacional.

VOZ DOS LEITORES

«Saudamos Stálin»

DE PARAGUACÉ Paulista os leitores Antonio Pedrosa Filho, Nadir Catapan, Adail Catapan, Nilse Catapan, Reedel Pedrosa Catapan, Jônatas Pedrosa, Expedito Pedrosa, Gáriel Venâncio de Souza, Rinaldo de Andrade, Antonio Pedrosa, Souza, Joana da Conceição e Maria Pedrosa, enviam-nos, a propósito do aniversário do camarada Stálin, a seguinte mensagem:

«Nós, camponeses, saudamos com imensa alegria a data querida de Stálin, na qual o genial dirigente completa 73 anos de idade. É para nós motivo de alegria ver transcorrer mais um aniversário do campeão da paz, o chefe revolucionário, dirigente supremo da Pátria do Socialismo.

Nós, que somos terrivelmente explorados pelos gringos da Sanbra, vemos em ti um autêntico mestre que inspira toda a nossa luta pela libertação nacional. Temos orgulho de possuir em nossas fileiras um discípulo fiel de Stálin, o Cavaleiro da Esperança.

Salve o 21 de dezembro, dia de alegria e festa para os camponeses sem pão e sem terra. Para os camponeses que não têm liberdade nem escolas para seus filhos. Salve Stálin. Longos anos de vida para o nosso guia.»

Racionamen- to de víveres Na Usina Maracá

NA Usina de Maracá, em Alagoas, somos desumanamente explorados, ganhando salários de fome que variam de 25 cruzeiros a Cr\$ 28,00 para os homens e de Cr\$ 15,00 a Cr\$ 20,00 para as mulheres, sendo o trabalho de 12 horas. Agora, entretanto, os donos da Usina não querem mais dar a diária para capinação da lavoura. Dão, ao contrário, a limpeza da lavoura sob o regime de empreitadas o que retira do camponês o descanso remunerado e só lhe permite ganhar Cr\$ 20,00 por dia. O barracão da Usina que fornece mantimentos aos trabalhadores é uma fonte de renda para os patrões. Poucos são os que não estão presos à Usina por dever grandes quantias ao fornecimento. Por outro lado há mais de dois meses que está faltando arroz e

farinha. O arroz, por exemplo, está sendo racionado. Cada família, seja de que tamanho for, somente tem direito a 3 quilos por semana. Isso nos obriga beber feijão puro por ser insuficiente a cota de arroz ou de outros gêneros. (Os grãos de feijão são tão poucos, que mais parece uma sopa a nossa refeição).

Enquanto enfrentamos a miséria e a fome o gerente da Usina de Maracá ganha mais de 100 mil cruzeiros líquidos por ano e passeia acintosamente com o seu automóvel de último tipo, comprado de certo com o nosso dinheiro.

Há ainda um fato que muito nos tem revoltado. Trata-se do desconto obrigatório para o Instituto de Aposentadorias e Pensões. Na Usina somos obrigados a descontar para o IAPI mas quando sofremos qualquer acidente o tratamento corre por nossa conta e não recebemos uma hora, sequer, daquele Instituto. Além disso ninguém aqui tem carteira profissional ou agrícola. Mesmo assim quando um trabalhador quer sair da Usina é obrigado a dar um mês de aviso prévio, caso



O nauseabundo Chateaubriand, promotor da bacana de Corbeville e propagandista feroz do envio de soldados brasileiros para a Coréia, visto pelo nosso leitor E. de Abreu.

contrário terá o seu pagamento retido. Entretanto, quando qualquer de nós é despedido do emprego os donos da companhia, os irmãos, Leão, não pagam um centavo de aviso prévio.

Enfim na Usina deste latifundiário é tanta a miséria que os operários, em sua maioria, comem apenas uma vez por dia e assim mesmo quando têm conta pequena no barracão. (Um trabalhador da Usina Maracá).

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE
LIMA E SILVA
MATRIZ: Av. Rio Branco,
257 - 17.º andar - Sala 1712
SECURSAIS
SÃO PAULO — Rua dos
Estudantes, 84 - Sala 29;
P. ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, 527 - 8.º 48
RECIFE — Rua da Palma,
295 - Sala 205 — Ed. Sael;
SALVADOR — Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 1248 - 8.º 22
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 60,00
Semestral Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Aviso Cr\$ 1,00
N.º atrasado Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO — RECIFE — PORTO ALEGRE — FORTALEZA — SALVADOR e BELEM.

Papai Noel do Catete



FALA A RADIO DE MOSCOU

NOVO HORARIO DE
TRANSMISSÃO

PARA
PORTUGAL

Das 19.30 às 20
horas, nas ondas
de 41 a 49 mts.

PARA O
BRASIL

Das 21.30
às 22 horas
nas ondas de
31 a 41 mts.

A CONSPIRAÇÃO PARA O ENVIO DE TROPAS

NO decorrer dos aceros debates sobre o acordo militar travados na Câmara dos Deputados Roberto Moreira, que lutou contra o pacto da traição com verdadeira bravura proietária, encostou contra a parede o líder de Getulio, o astuto e velhaco Gustavo Capanema. O porta-voz do Catete na Câmara foi obrigado a se manifestar sobre o ponto nevrálgico do acordo militar, o problema do envio de soldados brasileiros para a Coréia.

— O governo nunca cogitou nem cogita de enviar tropas para o exterior — berrou Capanema, sem demonstrar o temor de que o teto do Palácio Tiradentes desabasse sobre sua careca sob o peso de tamanha mentira.

A declaração de Capanema não podia ser aproveitada pela imprensa americana que se publica no Brasil em lingua portuguesa. Se não é para enviar soldados brasileiros para a Coréia o acordo militar perde quase completamente sua razão de ser. Na realidade, essa declaração significou que o envio de tropas brasileiras para a Coréia continua sendo um plano inconfessável, permanece como uma conspiração contra os interesses e a vontade manifesta da maioria esmagadora dos brasileiros. Ela não serviu para transformar a trama sinistra em lei e por isso foi posta de lado pela propaganda americana.

A ORDEM DE RIDGWAY-TRIGVE LIE

Entretanto, o plano conspirativo tramado no Brasil e no Pentágono, como já se pode demonstrar, vem de longa data. E' um plano que faz parte inseparável da politica de guerra, de submissão aos fazedores de guerra norte-americanos seguida criminosamente pelo governo, seja o de Dutra ou o de Getulio.

Para apanhar o fio da meada, basta, porém, analisar alguns fatos a partir de data mais recente. Começamos com um acontecimento que comoveu a opinião nacional e veio confirmar as reiteradas e insistentes denúncias dos comunistas e outros patriotas desde muito tempo antes.

Em junho de 1951, o moço de recados dos americanos na ONU, Trigve Lie transmitia ao governo de Getulio Vargas uma ordem de Ridgway, o General Peste, então comandante em chefe das forças invasoras dos Estados Unidos na Coréia. Essa ordem foi precedida pela verdadeira barragem de propaganda com o objetivo de paralisar e estontear a opinião pública. Ridgway exigia o mais rápido envio de soldados brasileiros para a Coréia. E reclamava um pronunciamento imediato do governo brasileiro.

Antes, porém, manifestou-se o povo brasileiro. Na boca das massas repetia-se a legenda de Elisa Branco inscrita na faixa hoje mundialmente famosa que ela desfaldou no dia Sete de Setembro no Vale do Anhangabaú diante dos soldados em desfile:

— Os scldaos, nossos filhos, não irão para a Coréia!

Em toda parte, em qualquer lugar onde se encontrassem duas pessoas honradas, o assunto obrigatorio era o mesmo. Não, não é possível não devemos a atender tão absurda imposição. Elisa Branco ainda estava na cadeia. Mas a palavra de ordem de sua faixa heroica estava na boca do povo.

Foi nesse clima que Getulio Vargas reuniu o Conselho de Segurança Nacional. Nessa reunião, a conspiração pelo envio de tropas se chocou com a vontade do povo nas ruas. Getulio redigiu do próprio punho a nota capciosa em que propunha uma transação: sim, enviaria tropas, mas em «tempo util».



Esta cena foi fixada no Itamarati. O patrão Hershell Johnson, embaixador de Wall Street e o lacalo João Neves da Fontoura ministro do Exterior de Getulio, assinam o acordo para o envio de tropas.

A HISTORIA SECRETA DOS CRUZADORES

O Ministerio da Marinha desmentiu varias vezes as acusações dos patriotas a respeito dos cruzadores «Barroso» e «Tamandaré», que estavam sendo preparados para serem enviados à Coréia, zarpando diretamente dos EE. UU. Esses desmentidos tinham o mesmo valor da negativa de Capanema na Câmara.

E' o proprio policial Carlos Lacerda que faz as seguintes confissões em artigos assinados na «Tribuna da Imprensa».

1 — O representante do governo brasileiro votou com os americanos na O.N.U., votou pela ação armada na Coréia. «Não seria, portanto, crível votasse para que somente OS OUTROS fossem lutar». («Tribuna da Imprensa», 4/11/52).

2 — Logo após essa reunião da ONU foi celebrada uma reunião secreta da qual participaram altas patentes militares brasileiras e americanas no Pentágono (Ministerio da Guerra ianque).

A reunião foi presidida pelo general americano Walsh. O governo brasileiro autorizou o comparecimento do general Edgard Amaral e do almirante Ernesto Arau-

jo. Foi o representante do Itamarati o ministro Afranio de Melo Franco.

3. — Nessa reunião foram apresentadas as exigencias de Mac Arthur, então comandante das forças agressoras na Coréia e que consistiam no seguinte:

1 — Forças de terra: 25 mil homens.

2 — Forças aéreas: um grupo de aviação.

3 — Forças de mar: 2 destróieres.

Os americanos se propunham a entrar com o transporte. Foi essa a ordem do dia concreta sobre a qual se manifestaram o general Amaral, o almirante Araujo e o ministro Afranio de Melo Franco.

4 — A discussão tornou evidentes as dificuldades enormes para atender à exigencia ianque. Mas os americanos se mostravam intransigentes. Foi então que «o governo brasileiro propôs a solução»: os Estados Unidos emprestariam um cruzador ao Brasil para ser enviado à Coréia com mil homens de tripulação.

5 — Como houvesse dificuldade para realizar o emprestimo, os americanos decidiram por uma venda simbolica. Os gringos dispõem do que eles mesmos chamam de «armada de naftalina» (naphthalen navy). São navios sobrados da guerra,

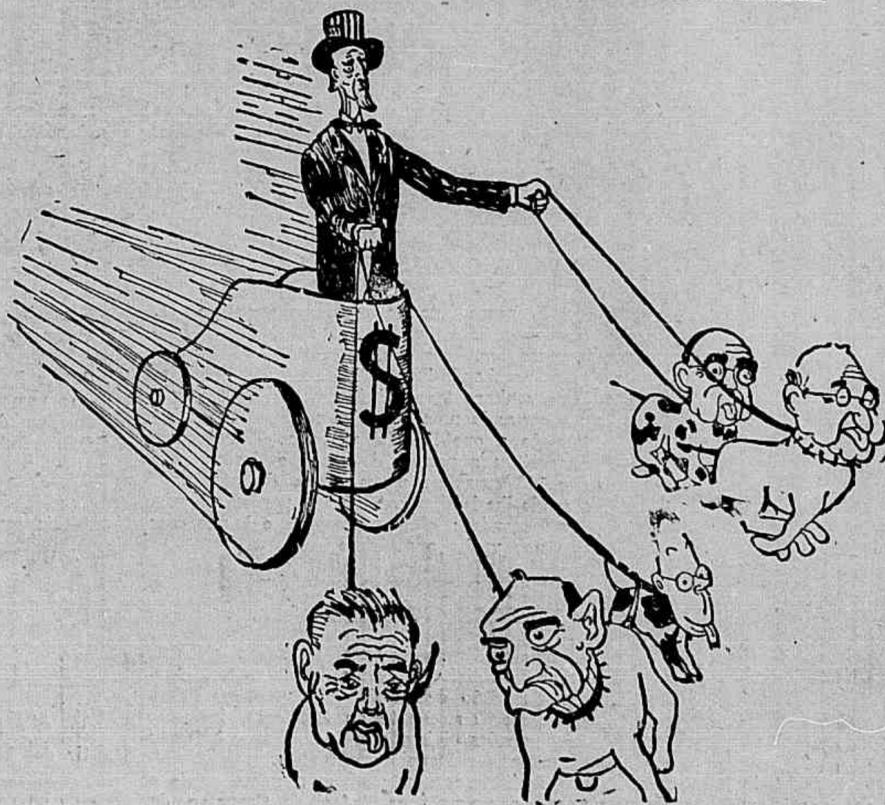
conservados numa camada de materia plastica. Destacariam dois cruzadores para serem vendidos simbolicamente ao Brasil.

«Essa venda simbolica tinha por objetivo o envio de pelo menos um cruzador à Coréia. Isto ficou bem claro nos entendimentos havidos.» («Tribuna da Imprensa» 4/11/52.)

Estes são os fatos. Muita coisa ainda está guardada nos arquivos dos conspiradores. A vigilância patriótica denunciou-os ao povo brasileiro. A luta pela volta imediata dos marujos de «Barroso» e do «Tamandaré» impediu que o crime fosse consumado. Jean Sarkis e Maria Afonso Lins curtem os horrores da prisão até hoje por terem lutado pelo regresso dos marinheiros do Brasil aos seus lares. Mas a conspiração foi desfeita: eles voltaram. «O que sempre se escondeu foi o compromisso que esses cruzadores representavam: o envio de pelo menos um deles para a Coréia», geme desconsolado o «caguete» Carlos Lacerda.

Comentando a exigencia formulada pelo «Washington Post», seu eco brasileiro, o «Jornal do Brasil», também advogou a remessa dum «pequeno contingente naval».

QUEM PUXA O CARRO DA GUERRA NO BRASIL



ANTI-COMUNISMO E CULTO DO DOLAR

Ao lado dos intensos preparativos militares para enviar tropas para a Coréia, a infame conspiração entregou-se à intensa propaganda nos quartéis e no meio civil. O veiculo dessa propaganda é o anti-comunismo e o culto do dolar. As associações culturais «Brasil Estados Unidos» disseminadas por todo o país, fundaram cursos, distribuíram bolsas, procurando formar brasileiros com alma ianque em grande escala. Sob o patrocínio de Getulio foi cantado o «Hino da Traição» escrito por Manoel Bandeira que comunica aos ianques que «a casa é sua». O cinema passou a ser utilizado para mostrar as «vitórias» americanas na Coréia. O Ministerio da Educação organizou concursos destinados a envenenar a juventude, distribuindo premios aos estudantes que melhor elogiassem o «modo de vida americano».

Nos quartéis, a propaganda assumiu formas particularmente cínicas. Foram e continuam sendo passados filmes sobre a Coréia acompanhados de conferencias e explicações para os soldados. Cenas de vandalismo e brutalidade cruamente filmadas são apresentadas como modelo do que fazer com os civis e prisioneiros coreanos, procurando estimular os instintos mais sanguinarios. Aos elementos da Policia do Exército, esses filmes acenam com a possibilidade do saque das localidades ocupadas e a impunidade para as violencias contra a população civil, especialmente as mulheres.

Ao mesmo tempo, os tradicionais temas de guerra defensiva do territorio nacional das manobras de nossas forças armadas foram substituídos por exercicios de desembarque e ocupação de terras alheias. Esse o objetivo das manobras navais conjuntas sob o comando geral do navio de guerra ianque «Oriskane» das espalhafatosas demonstrações de paraquedismo particularmente no Rio e em São Paulo e das manobras das forças de terra recentemente realizadas no litoral paulista. Nestas manobras foram utilizadas granadas em tiro real que vitimaram varios soldados, o trafego civil na Via Anchieta foi proibido e a policia militar impôs verdadeiro regime de ocupação em toda a zona das redondezas, semeando a inquietação e o desassossego no seio da população.

Parte integrante dos planos conspirativos para o envio de tropas é a nova lei de segurança. O general fascista Gois Monteiro chegou ao cumulo de declarar que era necessario «sanear» a frente interna, como passo preliminar para o envio de tropas. Eis a razão das perseguições aos militares que se manifestam contra o dominio americano em nossa patria.

Em seu discurso guerreiro na Escola Superior de Guerra, o gen. Cordeliro de Farias advogou uma «politica exterior firme e decidida, mesmo com sacrificios», isto é, com o envio de tropas para a Coréia.

IMEÇAMOS QUE A CONSPIRAÇÃO SE TRANSFORME EM LEI

Até hoje a conspiração dos generais fascistas e politicos burgueses traidores da patria não pôde atingir seus objetivos. Eles precisam transformar a conspiração em lei. Essa lei é o acordo militar, que determina o envio de tropas brasileiras para o exterior, «em missões relevantes». A luta contra o envio de tropas volta, por isso, todo o peso de sua força contra o acordo militar. A primeira batalha foi vencida pelo povo. Mas a luta continua para que a reunião extraordinária de janeiro proximo da Câmara de Deputados liquide de vez com essa ameaça.

A Greve Não é Só dos Têxteis, é de Todos

Desde operários e camponeses até funcionários públicos, radialistas e craques do Flamengo e do Bangu apóiam a greve ★ Solidariedade. instrumento da vitória dos têxteis



Qui vemos um vivo aspecto da solidariedade de que são alvo os grevistas. Cenas de sanduiches são frequentemente distribuidos, com o objetivo de manter alimentados os têxteis.



Enquanto não encerram vitoriosamente a batalha contra os grandes industriais que lhes estão sonogando os salários ganhos no mês de novembro, os têxteis recebem dinheiro do povo.



Com as grandes somas-fornecidas pelos trabalhadores e por todo o povo, o Sindicato está adquirindo gêneros para as famílias dos grevistas. No clichê, têxteis em meio a diversas mercadorias compradas ou oferecidas.

O povo vibra com a greve dos têxteis. Do Sindicato partem dezenas de comissões em demanda do centro e dos bairros a fim de percorrer as fábricas e sindicatos, o comércio e centros movimentados em busca de solidariedade. Para o Sindicato convergem as Comissões de trabalhadores, os telegramas de apoio, as listas com dinheiro vindos de todo o Brasil

104 COMANDOS NUM SO' DIA

Com a marcha dos acontecimentos, os grevistas reforçaram sua organização, tendo cada empresa a Comissão respectiva que, no saguão do Sindicato mantém a sua mesinha para atender aos grevistas. Lá se encontra a mesa da Confiança, da Sto. Antonio, da Cruzeiro da Bonfim-Mavilis... Todo o trabalho e andamento da greve é controlado ali e subordinado à Comissão de Greve e à Diretoria do Sindicato. O trabalho vence a improvisação dos primeiros dias para tomar um aspecto organizado em que, imperando a disciplina, todos realizam alegremente as suas tarefas. Essa distribuição de trabalho estimulou a formação dos comandos, bastando dizer que só no dia 19 saíram 104 deles com mais de 500 pessoas. Na arrecadação diária que atinge de 25 a 40 mil cruzeiros há um campeão. Trata-se de Crispim, do Lanificio Alto da Boa Vista cujo comando volta sempre com bastante dinheiro. Ainda no domingo, ele percorreu o centro de Duque de Caxias e trouxe 3 mil cruzeiros. A polícia atacou-o, tomou-lhe dinheiro, mas ele continua mais firme do que nunca.

«PRECISAMOS GANHAR ESTA GREVE!»

No Sindicato, onde um alto-falante anuncia os acontecimentos, os donativos e transmite as convocações de trabalhadores, pode-se presenciar belos gestos de solidariedade. Choferes que param em frente para levar dinheiro e conversar, pedreiros, sapateiros, metalúrgicos, que entram e saem. Que magnífico exemplo de solidariedade deram os barbeiros! Muridos dos seus apetrechos foram ao Sindicato e fizeram a barba e cabelo dos grevistas dizendo que iriam marcar um dia destes para que toda a corporação se desincumbisse dessa honrosa tarefa.

Trabalhadores de todas as profissões chegam e dizem: «precisamos ganhar esta greve!»

OS CAMPONESES AJUDAM OS GREVISTAS

Não só os trabalhadores das cidades visitam o Sindicato e querem a vitória dos têxteis. Camponeses, também. Sim, camponeses de S. Bento, no E. do Rio, compreenderam que a classe operária está em luta, e, como parte de sua solidariedade, já enviaram alguns caminhões de bananas, batatas, mandioca, cana e outros produtos agrícolas que são entusiasmamente recebidos pelos operários.

Estes reconhecem o esforço dos seus irmãos camponeses que, mesmo sem terra própria ou com pouca terra, contribuem para reforçar a organização e a luta daqueles que serão o braço da revolução que lhes dará as terras gratuitamente para trabalharem acabando para sempre com os grandes senhores de terras que os exploram e os aniquilam.

BANDEIRA NOVA PARA O COMANDO

E, nessa luta se empenha todo mundo. Nas ruas os comandos são recebidos de braços abertos. As vezes, a polícia de Getulio os ataca, roubando-lhes dinheiro e bandeiras. Uma senhora teve o belo gesto de oferecer a um comando uma bandeira nacional em substituição a que lhe foi roubada. Um homem aproveitou a parada do bonde e desceu para dar 100 cruzeiros a um grupo de grevistas. Quando lhe lembraram que iria perder o bonde, ele respondeu: «Que vá embora o bonde mas que nos venha a vitória!»

O FLAMENGO E O BANGU ENTRAM NO JOGO

Civis e militares, homens, mulheres e jovens arrecadam dinheiro. Numa dessas noites, enorme Comissão de funcionários públicos saltou de carros em frente ao Sindicato, inclusive com guardas civis e com Lício Hauer à frente para levar seu apoio aos têxteis.

Radialistas acompanham a greve passo a passo, a exemplo de Rafael de Carvalho, da Rádio Clube, que compõe marchas e poemas

exaltando a luta, muitas vezes cantando e sendo acompanhado por um coro enorme de tecelões, que se improvisa na hora. Todos sentem que a greve é sua. Oferecimentos de toda espécie são recebidos pelo Sindicato. Os craques mais populares do futebol, como os do Flamengo e do Bangu, deram seu apoio moral e material à greve, num claro convite aos torcedores para que sigam o seu exemplo.

O PROLETARIADO MUNDIAL SAUDA OS TÊXTEIS

Nesse grande movimento manifestam-se os sindicatos e organizações operárias de todo o Brasil, bem como as do exterior, manifestando irrestrita solidariedade ao movimento. Os têxteis de São Paulo, em grande Comissão de solidariedade coletam fundos para a greve. Delegações paulistas têm vindo aqui trazer o seu apoio. Onze sindicatos nordestinos já telegrafaram, bem como organizações e Sindicatos do Estado do Rio e Espírito Santo. O Sindicato recebeu telegrama da F.S.M. A União Internacional dos Sindicatos Têxteis e do Vestuário, enviou telegrama em nome de 5 mil

lhões de associados. A Federação dos Trabalhadores Têxteis da França, representando 600 mil trabalhadores, sauda a greve e protesta contra o massacre que vitimou Altair.

MAIOR SOLIDARIEDADE PARA A VITÓRIA

Os têxteis são fortes e justa é a sua luta. Mas, isso não basta. A reação se une para dismantlar o movimento. A polícia de Getulio ataca os têxteis, proibe passeatas, enquanto Segadas puxa o apito de Silveirinha e congela o fundo sindical do Sindicato dos Mestres e Contra-Mestres para que eles não possam ajudar os tecelões, proibindo também assembleias pró-Abono e solidariedade.

O Ministerio do Trabalho, o Tribunal Superior do Trabalho são instrumentos dos grandes industriais contra os trabalhadores.

Para derrotá-los é preciso a união dos trabalhadores, de todos os operários em apoio aos têxteis que estão na primeira trincheira da luta comum. Essa união se forma, se amplia e fortalece através da solidariedade, instrumento da vitória dos têxteis e de todos os que lutam por uma vida melhor.

Ao pé do túmulo de Altair

RAFAEL DE CARVALHO

Companheiros, marchemos tão unidos
Quanto um punho fechado de revolta!
Que uma classe que é dona do futuro
Humilhada para casa é que não volta!

Os nossos companheiros que tombaram
Escreveram no chão nossa vitória!
O sangue de um operário, derramado,
É tinta vermelha escrevendo a História!

Infames assassinos, alto lá!
Já chega de borracha e de matança!
A greve sairá vitoriosa
E o sangue de Altair pede vingança!

Inda somos escravos dos teares
Tecendo pano e sem poder vestir!
Não podemos confiar mais em manobras
Dos que vivem do roubo e de iludir!

Há dinheiro prá tudo, companheiros:
P'ra comprar aviões, p'ra gastar em Paris...
P'ra fumar os charutos mais gostosos
E sorrir como o primo que é feliz!

Mas a classe operária se cansou
De conversa fiada e de ilusões!
Hoje confia em sua própria força
E não nessa justiça de patrões!

Já chega de sofrer, já chega de opressão.
A aurora vem surgindo — o sol dos oprimidos!
Tremei, senhor burguês. Vosso reinado é findo!
Companheiros, à luta. Operários, unidos!

Altair Paula Rosa — uma flor operária!
Seu nome há de se ouvir nos lábios das crianças
Que um dia cantarão os hinos mais bonitos
Dedicados ao povo, construtor de esperanças!

Quando o bando de ladrões do povo não mandar mais
E a PAZ fizer cessar os tiros da metralha,
Altair marcha numa bandeira solta
Desfraldada pelas mãos do povo que trabalha!

Correrão mais velozes os teares
Com a palavra de ordem: construir!
Por hoje viva a greve, companheiros!
E depois vingaremos Altair!

N.R. — Este poema foi declamado diante do túmulo de Altair Paula Rosa, quando do enterramento do jovem mártir dos bravos têxteis cariocas.

"Acôrdo" Escravizador e Guerreiro

Pedro POMAR

O GOVERNO de Vargas quer impor ao país, através do Parlamento, uma lei americana, a que os seus patrões deram o nome de «Acôrdo» de Assistência Militar entre o Brasil e os Estados Unidos da América.

Em que se baseia a necessidade desse «acôrdo»? Os principais motivos das classes dominantes não se cansam de apregoar que o Brasil para se desenvolver, para se tornar uma nação forte e soberana, para arrancar o povo da miséria, não pode dispensar a «ajuda» e a «amizade» dos Estados Unidos, ou mais propriamente, dos capitalistas norte-americanos. Julgam mesmo essa «ajuda» imprescindível. Tal opinião eles tratam de incutir no espírito do povo. Proclamam por isso que, para receber a «ajuda», temos de abdicar de nossa soberania, como coisa imprescindível nos dias atuais, no dizer do sr. João Neves, o ministro da Ultramar. Ou o fato, de que o Brasil, por obra da fatalidade geográfica, história, etc, deve «girar em torno da órbita do colosso americano», como afirmou advogado da Bond & Share, o udenista Raul Fernandes. Ou, porque «somos forçados» conforme asseverou o fazendeiro Getúlio Vargas, no discurso de 7 de Setembro último, (mas sem dizer quem nos força).

São, como se vê, bastante cínicos os argumentos e as opiniões desses arautos da «amizade americana».

A famigerada «ajuda americana», a «tradicional amizade», de fato nunca existiram nem resistem ao mais superficial exame que delas fazemos.

Nas condições presentes, falar da amizade entre a metrópole e a colônia, entre os lobos fascistas de Washington e nós, um povo amante da liberdade e da paz, falar de «ajuda» do opressor para o oprimido, falar do «acôrdo militar» como de uma prova de amizade para nosso país, para nossa defesa e progresso, é um verdadeiro escarneo. Os nossos verdadeiros amigos, as massas trabalhadoras e as

forças democráticas dos Estados Unidos, essas estão atualmente quase esmagadas e sem poder respirar. Quanto ao nosso povo, ele repudia a «ajuda» dos tubarões norte-americanos, sendo bastante recalcitrante como ficou marcada com estigma da traição a carta de Correia e Castro, ministro do governo Dutra, pedindo «ajuda» aos Estados Unidos, esse estes mais tarde não quiseram nos carregar às costas.

Mas que «amigos» arranjaram para o nosso povo esses senhores latifundiários e capitalistas! Dessa «amizade», devemos livrar-nos como do abraço do tamarandá, porque ela significa, o saque de nossas riquezas e exploração desenfreada de nosso trabalho, o empobrecimento crescente de nosso povo, a transformação do Brasil numa colônia americana e a nossa juventude em bucha de canhão para a guerra na Coreia ou para qualquer outro lugar determinado pelos imperialistas ianques. Na boca dos potentados ianques, mostrava Malenkov no XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, «sejam amigos» quer dizer: «conduzi-me primeiro que depois eu vos cavalgarei».

Por mais que se estorcem os laços nativos dos patrões americanos eles não conseguem demonstrar que o «Acôrdo Militar» é uma coisa inocente. Alguns chegam à desfaçatez, como os empregados do Itamarati, de «interpretar» o «Acôrdo» como uma simples repetição de «itens» de acordos já firmados.

Mas a preocupação principal dos agentes americanos é gritarem aos quatro ventos que o «acôrdo», não tem o sentido que os comunistas e outros patriotas lhe querem emprestar.

O «acôrdo», para esses «interpretes», não tem mesmo sentido algum. Mas se o «acôrdo» não tem sentido, por que o afã de aprová-lo, sem maior exame, sem uma discussão ampla?

A força do povo, do movimento patriótico, é muito mais poderosa do que pensam esses senhores. A vigilância dos patriotas, tendo à frente os comunistas, impediu até agora que o Parlamento ratificasse a peça infame. E somente isso, revelou o verdadeiro carácter do «acôrdo», denunciou-o à Nação, mostrou a gravidade de que se reveste e suas funestas consequências, conclamando a todos para a união a fim de impedir que nossa pátria e nosso povo sejam escravizados e sacrificados na guerra que os imperialistas já iniciaram de modo selvagem, contra o valente e invencível povo coreano.

O «Acôrdo Militar» é, todo ele, um tratado de colonização, de terror e de guerra. E seu objetivo imediato é o cumprimento por parte do Brasil, das «obrigações militares» contraídas pelos governantes, que de brasileiros só têm o nome.

A incisiva e clara resolução de novembro do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil a respeito do «Acôrdo Militar» demonstra, de modo exuberante e com vigor patriótico que esse tratado é um crime e uma ameaça à vida do povo brasileiro e à soberania nacional.

Diante dessa ameaça fica cada vez mais evidente a íntima ligação que existe entre a nossa luta de libertação nacional e a causa da paz mundial, porque o «Acôrdo Militar» é uma das alianças com as quais os multimilionários ianques que enriquecem com a guerra e sonham com a conquista de mercados e de matérias primas, querem dominar o mundo, derramando o sangue dos outros povos para seu próprio proveito. Também ficou demonstrado mais uma vez que são os comunistas os que erguem cada vez mais alto a bandeira da independência nacional atirada fora pela burguesia traidora, em troca dos dólares norte-americanos, como ensinou o nosso grande mes-

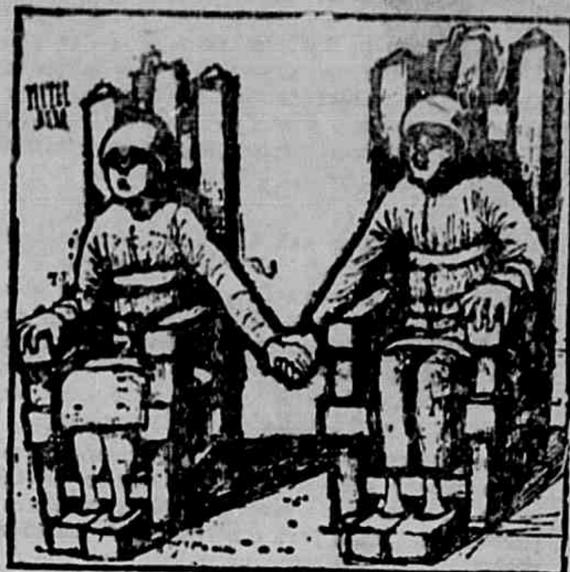
tre, o camarada Stalin. Por isso dizem as resoluções do C.N. do P.C.B.: «Ou se está com a paz, se quer o progresso e a independência do Brasil, ou se é partidário da guerra e da total escravização do Brasil no domínio americano».

A maioria do povo brasileiro é pela paz e pela libertação nacional, não quer que seus filhos sejam imolados na guerra injusta na Coreia, pois está solidário com a causa do povo coreano. Sabemos portanto esclarecer e unir o povo na luta contra esse «Acôrdo» afrontoso. O povo tem forças e unido pode derrotar esse «acôrdo», impedir sua aprovação pelo Parlamento. Se isso foi conseguido no México e na Guatemala, se a Argentina nem dele quis tomar conhecimento, por que o povo brasileiro, cuja responsabilidade para a defesa da causa da paz mundial é grande por sua importância política, econômica e militar, não pode fazer o mesmo? Nossas tradições de luta pela independência, nosso amor à liberdade, nosso desejo ardente de paz, exigem que nos mobilizemos, sem medir sacrifícios, para derrotar a pequena camarilha de traidores que quer nos submeter a uma lei americana.

Intencifiquemos desde já portanto a luta, levando ao povo a explicação do verdadeiro carácter do «acôrdo» e o «acôrdo» abaixo-assinado, protestos, desfiles, greves e todas as formas de ação ao nosso alcance, mas que sejam ações de massas, amplas, ligadas aos problemas sentidos do povo, ao imediato armistício na Coreia, conclusão de um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências, em apoio ao Congresso dos Povos e às suas resoluções.

A campanha contra o «acôrdo» não deve cessar, senão com a vitória. E esta representará um grande avanço no caminho da luta de nosso povo pela independência nacional.

O "modo de vida norteamericano" em ação



Sob este comovente desenho, o grande jornal francês «L'Humanité», órgão central do Partido Comunista Francês, publica o ardente apelo do famoso pintor Pablo Picasso para que sejam salvas as vidas do casal Rosenberg, dois inocentes condenados à morte nos Estados Unidos: «As horas passam. Os minutos passam. Não permitais que este crime contra a humanidade seja consumado». Endereços para telegramas e memoriais: President Harry Truman, White House, Washington U.S.A.; e: «The Committee To Secure Justice in the Rosenberg Case — 1050 Sixth Avenue, N. York U. S. A.»



Multidão de negros e brancos aguarda a decisão da Suprema Corte americana que deve responder se é legal a segregação de crianças negras nas escolas públicas. A resposta foi adiada para a próxima primavera. Continua a segregação.

NATAL DE 1952 NOS ESTADOS UNIDOS

O Instituto Norte-Americano do Vidro, em carta ao senador Lehman, declara que a importação de adornos para as Árvores de Natal da Polónia, Tchecoslováquia e da República Democrática Alemã... ameaça a segurança dos Estados Unidos e é uma ajuda indireta ao comunismo. (Dos jornais).



O IMPONENTE RITMO DO DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO NA UNIÃO SOVIÉTICA

«Desenvolve-se com especial rapidez a indústria de meios de produção, que em 1951 ultrapassou de 2,4 vezes o nível de antes da guerra para o volume global da produção e que, em 1952, superará de 2,7 vezes aquele mesmo nível. Em 1952 serão produzidos: 25 milhões de toneladas de ferro fundido, cerca de 70% mais que em 1940; 35 milhões de toneladas de aço, cerca de 90% mais que em 1940; 27 milhões de toneladas de laminados, mais do dobro que em 1940; 300 milhões de toneladas de carvão, o que supera em mais de 80% o nível de 1940; 47 milhões de toneladas de petróleo, 50% mais que em 1940; 117 bilhões de Kwh de energia elétrica, isto é, 2,4 vezes mais que em 1940; em relação a 1940, a produção de máquinas e ferramentas será mais que triplicada.

Nos últimos anos, as proporções de crescimento anual da produção dos ramos mais importantes da indústria foram consideravelmente maiores do que antes da guerra. Por exemplo, nos três últimos anos, de 1949 a 1951, isto é, depois que o nível de antes da guerra da produção industrial foi

restabelecido e ultrapassado, o aumento da fundição de ferro fundido foi de 8 milhões de toneladas; o da fundição de aço de 13 milhões de toneladas, e o da produção de laminados de 10 milhões de toneladas, ao passo que no período de pré-guerra o aumento nestas mesmas proporções foi alcançado em 8 anos para a fundição de ferro fundido, em 9 anos para o aço e em 12 anos para a produção de laminados. O crescimento da extração de carvão nos três anos mencionados, foi de 74 milhões de toneladas e o da extração de petróleo, de 13 milhões de toneladas; antes da guerra, semelhante proporção de aumento foi alcançada em 6 anos para a extração de carvão e em 10 anos para o petróleo. Nesses três anos, o aumento da produção de energia elétrica foi de 37 bilhões de kilowatts-hora; antes da guerra, o aumento da produção de energia elétrica, nesta proporção, foi conseguido em 9 anos.»

(Do Informe de G. Malenkov ao XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética)

UNIÃO DE TODOS OS BRASILEIROS CONTRA A LEI MONSTRO

NESTE ano de 1952, o governo do sr. Getúlio Vargas organizou, no ambiente majestoso do Maracanã, o «show» da miséria oficializada que é o natal das filhas das crianças da pobreza carioca. Nos Estados o espetáculo repetiu-se, talvez em menores proporções mas igualmente, no resto, ao modelo da capital.

Entretanto, esse não é o verdadeiro presente do fim de ano preparado pelo Catete. O gordo e rico brinde de fim de ano foi reservado para os seus patrões norte-americanos. No acender e apagar das luzes da recém-finda sessão legislativa, os «cabrestos» do governo no Senado, que jogaram ao lixo o projeto de autonomia do Distrito Federal, aprovaram à socapa o infame projeto da nova lei de segurança.

Ao mesmo tempo e numa coincidência que não podia passar despercebida, reuniram-se no Catete, sob a presidência do próprio Getúlio, os líderes dos partidos burgueses para o adesismo em massa sob o pretexto duma «reforma administrativa» que é apenas o nome novo para o «acordo inter-partidários» realizado pela ditadura de Dutra contra o povo brasileiro.

O discurso guerreiro há pouco pronunciado pelo general fascista Cordeiro de Farias, em que ele advogava abertamente o envio de soldados brasileiros para a Coreia, preconizava exatamente essa «reforma administrativa», distribuição de ministérios e sinecuras com «» de penacho, como prêmio ao apoio ao terror policial.

Assim, a verdadeira base em que assenta a nova tentativa de «união sagrada» é a nova lei de segurança, esse instrumento de terror e violência contra as massas. E' isto o que os americanos exigem para reprimir a luta patriótica dos brasileiros contra o acordo militar, contra o envio de tropas, contra a «Petrobrás» entreguista.

Está no Acôrdo Militar

As crescentes manifestações, que continuam e aumentam dia a dia, contra o acordo militar impediram até agora a ratificação desse infame tratado de guerra. Mas que importa a Getúlio a vontade do povo? Ele vai tratando de por em prática as ordens do governo americano. E por isso aí está a nova lei de segurança traçoiramente aprovada.

A lei de segurança é uma exigência do acordo militar, que diz no seu artigo sexto:

«Cada governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro a fim de impedir que se revelem ou se exponham a perigo os materiais, serviços ou informações...»

A lei de segurança, como se pode ver, analisando seu texto, ajusta-se perfeitamente a essas imposições. Ao menor pretexto ou sem pretexto algum os americanos podem determinar a invasão de lares brasileiros. A nova lei de segurança, aperfeiçoando os dispositivos fascistas da lei maldita do Estado Novo, é para proteger os interesses da preparação guerreira e da colonização americana em nossa pátria.

A nova lei de segurança é uma exigência dos americanos, prevista no artigo 6.º do «Acôrdo de Assistência Militar» Brasil-Estados Unidos

Getúlio, autor e responsável pela anterior lei celerada, reclamou a nova lei de segurança para legalizar e ampliar a onda de terror com que em vão tentou suprimir a luta contra o acordo militar, contra o envio de tropas, contra a entrega do petróleo.

Os cárceres estão cheios e suas grossas paredes testemunham crimes que enchem de ódio e indignação os brasileiros. So-

mente em S. Paulo, como denunciou a recente Convenção Paulista Pela Anistia, correm mais de seis mil processos políticos. Em todo o país militares e civis são presos, caçados e perseguidos, seus lares são violados e os que caem nas garras da reação são sujeitos a torturas cruéis, como já tornou público uma comissão parlamentar em plena capital da República.

Repetem-se os crimes do Estado Novo

Os crimes hediondos do Estado Novo estão se repetindo e os carrascos do tempo do bandido nazista Filinto Muller reapareceu para congratular-se com o novo tirador do Dops.

Os «suicídios» com que as bestas-feras de Filinto Muller procuravam encobrir seus crimes repetem-se, agora. Por exemplo, «O Jornal» (9.10.52) informa de Natal que um dos presos «conseguiu introduzir na própria cabeça pregos enormes, utilizando um pedaço de madeira como martelo.

Getúlio importa algemas

Na primeira quizona de outubro deste ano chegou ao Rio um grande carregamento de algemas e grilhetas americanas. Os caixotes traziam o nome dos fabricantes: «American Munitions Co.» de Chicago, assinalando que as algemas e grilhetas são «de conformidade

com as especificações do Exército e da Marinha dos Estados Unidos».

O emprego de algemas e grilhetas não é autorizado pela lei brasileira. Mas agora, com a lei americana, a lei de segurança, Getúlio trata de equipar os verdugos.

A onda de reação desencadeada contra civis e militares patriotas seguiu-se de pouco à chegada ao Brasil do gradua do policial do FBI americano, capitão Edgard Bundy.

O ex-sargento da Aeronáutica, Heli Ribeiro de Carvalho, declarou em carta dirigida à Associação Brasileira de Defesa dos Direitos do Homem: «São eles que desmerecem as nossas Forças Armadas, deixando servilmente, que americanos superintendam «interrogatórios» em quartéis, conforme presencié às duas horas da madrugada do dia 5 de junho deste ano, data da minha prisão ilegal...»

Em Aracaju, sob a orientação de Bundy, os patriotas estão sendo submetidos a tortura do gelo. O acadêmico Osório Ramos foi submetido a tais servícios que enlouqueceu.

A Comissão Parlamentar de Inquerito denunciou crimes horrendos na Ilha das Cobras. Os presos foram unânimes em acusar o capitão Santa Cruz. Os presos foram obrigados a ingerir óleo de ricino sob ameaça de estrangulamento. Ao descrever a cena, o deputado Breno da Silveira revelou que, depois dos purgantes, Boré submeteu os presos à fome e só então alimentou-os com chá e terrodas. Ingerindo o chá, os homens caíam em estado de sonolência e tinham alucinações. Eram despertados com fortes pancadas no chão e interrogados.

O civil José de Souza Sá Palacios, funcionário do Loide, teve as pernas quebradas. Ramiro Barreto de Alencar ficou surdo. Arno Ripper foi golpeado nos rins, e passou varios dias urinando água. Eliezer Bandeira de Aquino foi levado ao Pão de Açúcar e espancado durante 10 minutos, dependendo sobre o abismo.

Em Belo Horizonte, morreu na prisão (outro «suicídio») o sargento Levi Gomes.

Atinge A todos

Essa onda indiscriminada de terror chegou ao cumulo de considerar obra subversiva o famoso romance de Tolstói «Guerra e Paz» («Ultima Hora, 2.12.52»). Brasileiros ilustres são vítimas da sanha fascista. São notórios os casos do cel. Olimpio Ferraz de Carvalho, presidente do PTB de Minas Gerais, presidente da Comissão de Salário Mínimo, cargo do qual foi destituído por Getúlio; do professor Franco Freire, figura de grande prestígio em Sergipe, presidente do Centro do Petróleo, preso por duas vezes; do major médico e professor da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, Nelson Pires, do eminente genetista bandeirante, professor Paulino Recchi.

Todos estes crimes do governo foram cometidos à sombra da lei de segurança do Estado Novo, que agora é substituída por outra mais ferocemente fascista ainda.

Esta nova lei de segurança estabelece que é crime lutar contra o regime de fome e miséria que aí está, transforma a polícia em árbitro da vida de todos os cidadãos, liquida o direito de greve e ameaça todas as organizações e entidades democráticas.

Revogação do direito de greve

São tais e tão numerosos os casos de anulação prática do direito de greve, que essa grande conquista do proletariado inscrita na Constituição fica praticamente revogada.

Assim, por exemplo, o artigo 15 diz textualmente:

«Instigar, preparar, dirigir ou ajudar a paralisação de serviços públicos ou de abastecimento da cidade. Pena: reclusão de 2 a 5 anos.»

Os interesses da Light

Restabelece o atestado de ideologia

Há pouco foi abolido o odioso atestado de ideologia. A nova lei de segurança, por vias travessas, restabelece o atestado infame. Assim, o artigo 37 determina que «terão cassadas suas cartas de reconhecimento ou cancelado o respectivo registro» as organizações sindicais «cujos dirigentes, com apoio, aquiescência ou sem objeção da maioria dos seus associados, incorrerem em disposição desta lei.

E' a ameaça permanente à liberdade e autonomia sindicais. Basta,

Imunidades totais para a polícia

Diariamente, a imprensa informa sobre brutalidades, sevícias e crimes de morte praticados pelos bandidos da polícia. A nova lei de segurança ao mesmo tempo que amonesta e algema as pessoas decentes, cria uma nova espécie de imunidade

especialmente para a polícia.

O artigo 27 facilita as mais torpes e mesquinhas vinganças dos esbirros, coloca os cidadãos à mercê de qualquer belemim, ao dizer que é crime «Ofender fisicamente, injuriar ou coagir, por motivos dou-

cas. Para legalizar a transformação do país num só e gigantesco campo de concentração, ela entra em minúcias e detalhes ao passo que deixa o campo aberto para as mais monstruosas tramas e farsas policiais em que é tão fértil a polícia.

e outras companhias imperialistas estão aí claramente protegidos contra os operários que exploram desumanamente e contra toda a população. Não só a greve é considerada crime como qualquer gesto de ajuda isto é de solidariedade é igualmente proibido pela lei nazista.

Mais adiante, no artigo 36, o ataque ao direito de greve é aumentado até os ultimos limites com a configuração dos chamados «crimes con-

tra a organização do trabalho», que se relacionam com qualquer tipo de empresa. Também aí estão incluídos paragrafos em especial atenção às empresas imperialistas, mandando aplicar penas em dobro no caso de serem afetados os interesses de empresas que exploram as atividades relativas à energia, transporte, alimentação e saúde.

O direito de greve inscrito solenemente na Constituição é substituído pelo chanfallo policial.

Mas tudo se poderá remediar com a aplicação do atestado de ideologia. O paragrafo segundo do mesmo artigo 37 prevê a destituição e expulsão dos dirigentes e associados «culpados». Será necessário, é claro, que homens considerados «puros» pela polícia, munidos com o competente atestado de ideologia, venham substituir os líderes e associados expulsos. E' uma porta aberta para o mais completo dominio policial dos sindicatos.

Basta que um tira bocal se julgue injuriado, que um dos numerosos capetans da rua da Relação se tenha por ofendido para invocar a lei de segurança.

«A critério do juiz, conforme as circunstâncias do caso, o agente que houver voluntariamente desistido da consumação do crime ou espontaneamente anulado ou diminuído suas consequências terá relevada ou reduzida a pena correspondente aos atos já praticados.»

Carta branca à pro paganda de guerra

No seu artigo 13, a nova lei de segurança encontra um meio de burlar a Constituição que proíbe a propaganda de guerra. Diz capciosamente o paragrafo segundo desse artigo que

«não constitui propaganda: «b) a exaltação de fatos guerreiros da historia patria ou do sentimento cívico de defesa armada do país, ainda que em tempo de paz».

Dessa forma, a campanha do nauseabundo Chateaubriand, por exemplo, pela aprovação do acordo militar, sua cínica «argumentação» de que «precisamos nos armar mesmo com sacrifi-



GETOLIO: — Não creia que desejamos tolher-lhe a liberdade; você sempre poderá mover a cabeça dizendo que está de acôrdo...

cios», sua propaganda de envio de tropas para a Coreia a pretexto de «segurança» seria perfeitamente legal. Criminoso

seria o contrario — lutar contra o acordo militar, contra a corrida armamentista, contra o envio de tropas para a Coreia.

Toda a propaganda de guerra financiada pela embaixada americana é feita sob essa capa de «defesa armada do País».

Ameaça às organizações patrióticas

Vemos diariamente com que cinismo e desfaçatez a reação calunia as organizações patrióticas e de defesa da paz. Para essa gente, lutar contra a entrega do petróleo, por exemplo, é «comunismo». Sucedem-se umas às ou-

tras as assacadiilhas policiais desse gênero. A nova lei de segurança arma a polícia contra as organizações patrióticas com o capcioso artigo 11 que diz: «Reorganizar ou ten-

tar reorganizar, do fato ou de direito, pondo logo em funcionamento efetivo ainda que sob falso nome (o grifo é nosso) ou de forma simulada, partido político ou associação dissolvidos...»

Domicílio fixado pela polícia

A análise de uns artigos da nova lei de segurança já basta para mostrar que qualquer cidadão poderá ser colhido nas suas malhas, quando menos esperar. Mas falta citar um artigo que espelha o seu monstruoso espírito fascista, o artigo 49.

Aí é estabelecido que «durante a fase policial e do processo» poderá ser decretada a prisão

preventiva da pessoa ou «a sua permanencia no local onde sua presença for necessária à elucidação dos fatos a apurar». Eis aí um modo de sujeitar os cidadãos ao desterro dentro de sua própria patria. Por determinação da polícia, um cidadão caluniado por um tira qualquer pode ser obrigado a residir em tal ou qual cidade, pode ser forçado a sair do lugar

onde vive com sua família, onde tem seu trabalho ou onde sua saúde exige que permaneça. A polícia poderá dessa forma, fixar o domicilio para os desafetos de qualquer figurão do governo, determinar que alguém não pode viajar. E isto sem prazo, sem restrições, enquanto «for necessário para a elucidação dos fatos a apurar».

União para derrubar a lei monstro

A ameaça fascista pesa sobre todos, indistintamente. Ela faz parte da preparação guerreira e dos planos de traição dos vende-pátrias.

Já uma vez, sob a ditadura Dutra, nosso povo conseguiu impedir com seus protestos que a lei de segurança fosse aprovada. E agora, sob o terror getulista, a onda de violências foi incapaz de frear o protesto popular que

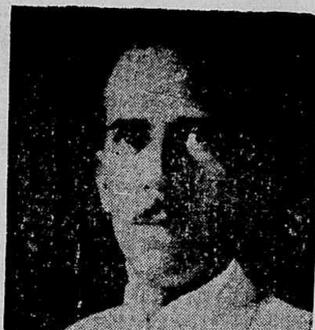
conseguiu impedir a ratificação do acôrdo militar em 1952.

Os fatos demonstram que nosso povo não se intimida e luta apesar das leis fascistas. A unidade patriótica contra a lei-monstro, manifestando-se e protestando de todas as formas, há de impedir que se consuma mais esse crime contra as liberdades democráticas e os direitos dos cidadãos.

GETÚLIO TRAZ À TONA ÉSTES MONSTROS DO ESTADO NOVO



ETELVINO LINS: chefe de polícia em Pernambuco, durante o Estado Novo, é responsável pessoal pelo assassinio de vários patriotas. Hoje é governador de Pernambuco, escolhido num «cambalacho» e indicado pelos ocupantes americanos.



BATISTA TEIXEIRA: Hoje coronel, celebrou-se quando, capitão, era conhecido como um dos mais cruéis torturadores de presos políticos no Estado Novo. Quando da posse do novo diretor do DOPS, Brandão Filho, compareceu à rua da Relação.



EMILIO ROMANO: Conhecido celerado da polícia de Filinto Muller. Segundo noticiou a imprensa amarela, andou cotado para ser diretor do DOPS, por indicação de sua «madrinha», Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Na polícia, enriqueceu rapidamente.



SERAFIM BRAGA: Fascinora da polícia política do Rio, onde teve destacada atuação durante o Estado Novo. Afastado à época do ascenso democrático, volta agora à atividade, constituindo o fato uma permanente ameaça à segurança de cada cidadão.

DIAS NO BRASIL

NÃO PASSARÁ!

Novas manifestações em todo o país contra o «acórdão» militar. No Rio, ato público na ABI, onde falaram Lobo Carneiro e o cel. Benevides; proclamação da Federação de Mulheres do Brasil, manifestações de jovens, protestos de rua, imensos piquetes em que se lê «ABAIXO O «ACORDO» MILITAR BRASIL-EE. UNIDOS — «acórdão de Guerras». Dos Estados continuam a chegar novos milhares de mensagens. Só de Santos veio um abaixo-assinado com 400 assinaturas.

Cinquenta trabalhadores de uma empresa de São Paulo subscreveram um protesto. Ato público em Niterói e outras cidades. Mas, o melhor vem aí: até 15 de janeiro os paulistas mandarão um protesto com 50.000 assinaturas e os cariocas farão uma quinzena contra o «acórdão». Outros Estados tomarão iniciativas idênticas. O movimento ganha as ruas.

BRIGA DE MALANDROS

O Congresso da ORIT terminou com uma verdadeira pantomima. Na sessão final tratou-se da distribuição de cargos e proventos. Foi aí que a pelejada se desentendeu! Uns querendo passar a perna nos outros, brigas nos corredores e o dono do salão ameaçando botar todo mundo para fora como desordeiros. Um espetáculo degradante e que terminou por desmoralizar por completo o congresso e a agremiação de lacaios dos patrões americanos. Inúmeros presidentes de sindicatos e trabalhadores de todos os setores protestaram energicamente e exigem que se retire a esses malandros a possibilidade de continuar fazendo suas trapaças com o dinheiro roubado ao proletariado.

“NATAL COM LIBERDADE!”

Libertados os militares da Aeronáutica processados por motivo político. Ante os protestos da opinião pública e a insistência da defesa, os juizes militares acabaram compreendendo que não poderiam continuar violando indefinidamente a lei, já que os prazos vinham sendo sucessivos e ilegalmente ultrapassados. Mas dezenas de oficiais e inferiores do exército continuam na prisão! E' por isso que a Associação Brasileira de Defesa dos Direitos do Homem promove a campanha «Natal com Liberdade!», que visa fazer com que a lei seja cumprida e os militares patriotas voltem ao seio de suas famílias neste fim de ano.

INFÂMIA IMPOTENTE

VALE tudo para os desesperados propagandistas da guerra. Armam uma provocação imunda, são desmascarados e ficam com a mesma cara, como no caso de Joaquim Teixeira, o dirigente sindical paulista morto em Viena. Durante uma semana, a imprensa do Rio e de São Paulo, devidamente «coordenada» e acompanhada pela «esdria» dos outros Estados, tripudiou sobre o cadáver de um honrado partidário da Paz para tentar denegrir o Congresso dos Povos e impedir a luta crescente contra o «acórdão» militar. No final, os próprios autores da infâmia confessaram a torpe mentira. Nada conseguiu empanar o êxito do Congresso do qual disse Joaquim Teixeira, em sua última declaração antes de falecer: «Este Congresso representa a máxima aspiração dos povos civilizados, pela oportunidade de demonstrarem ao mundo que realmente se pode e se deve viver em Paz».

ADVERTÊNCIA

FALCEU o general Cruz Cordeiro, presidente do Centro Brasileiro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional. O ilustre militar teve destacada atuação nas campanhas em defesa do nosso petróleo, contra a «Petrobras» e em defesa das riquezas minerais cobiciadas pelos imperialistas. Participou da III Convenção Nacional e do Congresso Regional de Defesa do Petróleo realizado em Recife. Sobre o «acórdão» militar Brasil-Estados Unidos disse palavras que ficarão como uma solene advertência: «Ninguém tentará impunemente alienar a soberania da Nação».

Eles Não Têm Hora Certa Para Pegar no Serviço ...

Motoneiros e condutores reivindicam seis horas de trabalho corrido

OS serviços de bondes no Brasil são controlados pela Light e pela Bond and Share há cerca de meio século. Durante esse tempo, essas empresas imperialistas que também controlam a energia elétrica, os telefones e o gás têm explorado os seus trabalhadores e o povo brasileiro de maneira brutal. Seus fabulosos lucros são remetidos para os bancos americanos e ingle-

ses enquanto os serviços públicos que elas administram se tornam cada vez mais precários e mais caros. Os tranviários que percebem salários de fome em jornadas prolongadas, enfraquecem o seu organismo, são vítimas de acidentes constantes e da morte prematura. Daí a luta que eles travam contra o excesso de trabalho, por salários menos miseráveis,

José Vaens Franco, entre outros, lá estava amparado em suas muletas. Outrora, era ele o motoneiro 7269 e trabalhava na Light há 12 anos, quando um caminhão se chocou com o bonde que dirigia. Resultado: perdeu a perna e agora está ganhando apenas 1.200 cruzeiros que não chegam para o sustento de sua mulher e 4 filhos. Quanto à indenização do Seguro, ainda nada recebeu e consta que quase nada irá receber, uma vez que a maior parte vai ficar para a Caixa.

Após receberem seus envelopes, os seus companheiros deixavam-lhe 2, 3 ou 5 cruzeiros, porque se fôr contar com a assistência social de Getúlio ele e os outros estarão perdidos. E, a Caixa de Aposentadorias lhes arrancava quase 200 cruzeiros dos seus salários para, hoje, não lhes ajudar em quase nada.

GETULIO PROTEGE A LIGHT

Mas, enquanto os trabalhadores vivem nessa miséria e até pedindo esmolas, a Light aumenta os seus enormes lucros. Só no primeiro semestre do corrente ano os seus lucros ascenderam a 355 milhões de cruzeiros com o que poderia aumentar os salários dos seus 27 mil empregados de cerca de 1.500 cruzeiros em média, sobrando-lhe ainda os lucros do 2º semestre que devem subir a mais de 360 milhões.

Os trabalhadores vivem sacrificados enquanto J. B. Aragão, diretor da empresa, recebe 160 mil cruzeiros mensais agora um milhão de cruzeiros de gratificação de fim de ano que lhe dão os gringos. A Light sustenta jornais e os homens do governo para explorar impunemente os seus empregados e o povo. Além do dinheiro que a empresa imperialista nos tira, o governo lhe concede auxílios como aqueles 90 milhões de dólares garantidos por Dutra e os 316 milhões de cruzeiros que Getúlio prometeu em seu discurso na noite de 3 de outubro. O que se vê é uma perfeita identidade entre os interesses da Light e os do governo que serve aos desejos do imperialismo o que leva o nosso povo a exigir um governo diferente deste, que possa tomar a decisão de nacionalizar a Light, empresas da Bond & Share e demais empresas estrangeiras que saqueiam os trabalhadores.

ENGORDOU A CAIXA E HOJE PEDE ESMOLA

Nos dias de pagamento — como acontece na pagadoria da Ponte dos Marinheiros, no Rio — inúmeros inválidos e doentes recorrem à ajuda dos companheiros.

PELA TABELA DE 6 HS. DE TRABALHO

ATUALMENTE, uma das grandes reivindicações dos tranviários de todo o Brasil é a tabela das 6 horas de trabalho, sem redução de salário, ganhando o suficiente para viver decentemente. Condutores, motoneiros, fiscais e chaveiros, lutam ativamente por essa tabela. Um projeto que existia na Câmara, resultante dessa exigência, ficou para as calendas. Mas, tais projetos só têm valor quando os trabalhadores se mobilizam para fazer aprová-los, pois, que a maioria da Câmara é composta de representantes de grandes fazendeiros e industriais, muitos deles agentes do polvo ianque-canadense e de outros trustes.

Um grande abaixo-assinado está correndo aqui no Rio com o objetivo de convocar uma assembléia no Sindicato a fim de discutir as medidas a tomar para dar força à campanha incorporando-se à luta, os tranviários de São Paulo, Rio G. do Sul, Bahia, Minas e outros Estados, convocando assembléias nos seus sindicatos e organizando-se em Comissões de Empresas, poderão conquistar a jornada de 6 horas de trabalho ininterrupto.

O motoneiro é um sacrificado. Em pé, diante do «controler», ele fica atento para todos os lados. Pedestres atravessam a rua despreocupados, carros passam raspando pelo bonde. Essa atividade durante 8, 10 ou mais horas, provoca no motoneiro, além do cansaço diário, esgotamento nervoso. Todo esse trabalho, toda essa responsabilidade para no fim mês receber um mísero salário. Para se ter uma idéia desse salário basta dizer que um motoneiro com mais de 10 anos de casa, trabalhando 230 horas no mês de novembro, recebeu apenas 2.170 cruzeiros, nessa época em que o mínimo necessário para que uma pequena família viva modestamente é de 4 mil cruzeiros.

SEM HORA CERTA PARA O SERVIÇO

A vida do condutor não é muito diferente. Enquanto

o motoneiro manobra o bonde, o condutor com as mãos calosas e suado val cobrando as passagens, de pendurado nos balaustres, sujeito a ser arrancado por um poste ou caminhão, a cair e se estatelar no chão. Em sua maioria, os tranviários são reservas que não têm hora certa para pegar em serviço. Trabalham em dois turnos com grande espaço de tempo entre um e outro e são obrigados a se levantar de madrugada e ficar à disposição da empresa sem ganhar nada, até o momento em que surge um bonde para circular. Os fiscais também vivem a pular nos bondes como macacos de galho em galho, sob a chuva ou o sol, ameaçados de serem atropelados a qualquer momento, ganhando também um salário de fome. O chaveiro é obrigado a trabalhar durante 8 horas a fio e, no fim da jornada tem que procurar o



Após o exaustivo trabalho, estes condutores se preparam para regressar à casa. Muitas vezes eles comentam: «Qual o futuro que nos aguarda, se continuarmos trabalhando tanto, se não conquistarmos a tabela das 6 horas?»



Assim trafegam os bondes no Distrito Federal. Aqui, como em todo o Brasil, a vida do condutor, do motoneiro ou do fiscal é cheia de perigo. No clichê, ei-los em plena ação.



BUCHENWALD IANQUE NA CORÉIA

Bestialidade em Pomgan ★ São estes os homens que "não desejam ser repatriados"!

No mesmo dia em que Eisenhower regressava de sua misteriosa viagem à Coreia, onde poucas pessoas puderam vê-lo, os jornais noticiavam o massacre de prisioneiros no campo de concentração de Pomgan. Eisenhower voltou declarando que queria «fatos e não palavras». E a informação na mesma página de jornal parecia responder à pergunta inquietada de milhões de mulheres e jovens americanos que votaram nas promessas de paz na Coreia. As palavras já eram por demais conhecidas. E os fatos quais eram? Ali estava a resposta: mais de 80 mortos, cerca de duzentos feridos.

MORRERAM CANTANDO CANÇÕES PATRIÓTICAS

Os detalhes sobre o massacre de Pomgan agravam ao máximo o novo crime dos invasores americanos da Coreia. Sabe-se que grande número de prisioneiros tinha sido transferido de Kojé, cenário de outras chacinas contra homens inermes e desarmados, um verdadeiro Buchenwald americano na Coreia. Os prisioneiros indefesos cometiam um grande crime, além de não consentirem em que os invasores de sua pátria usassem seu nome para a farsa imunda da recusa do repatriamento. Os prisioneiros cantavam canções coreanas.

Cantar canções patrióticas é algo que o ocupante americano não admite. Isto revela que os prisioneiros confiam na vitória de sua pátria e contribua para abalar a bai-

gual entre as mais nobres forças do espírito humano, dispondo no momento somente versos patrióticos e a bestialidade fascista dos mercenários do agressivo imperialismo americano, sanguinoso, armado até os dentes.

Os companheiros caíam, na primeira fila. Mas os que ficavam vivos, ao seu lado, não largavam suas mãos. E os que vinham atrás sustentavam os caixões, como escudo, como bandeira, como libelo acusatório. A canção patriótica continuava. Novas rajadas, ceifando mais vidas humanas.

Quando terminou o massacre foi difícil separar aqueles cadáveres de mãos dadas. A rigidez cadavérica os ligava fortemente. Na morte heroica e gloriosa, aqueles bravos continuavam tão unidos como os elos de ferro duma corrente indestrutível, tão ligados como estiveram em vida pela liberdade e independência da pátria.

GUERRA DE DESTRUIÇÃO EM MASSA

O massacre de Pomgan comoveu o mundo. Dessa

batalha inglória, em que americanos armados de fuzis automáticos e metralhadoras modernas massacraram desarmados prisioneiros coreanos que cantavam, sobrou o amargor da dor para os soldados do dólar. Contra o agressor se ergue o poderoso clamor de vingança dum povo invencível e se mobiliza a opinião de milhões de seres humanos no mundo inteiro. Os responsáveis por esse crime inominável são tão odiados como os bandidos nazistas que massacraram inocentes nos países ocupados durante a guerra passada.

Por que esses canibais massacraram prisioneiros tão covardemente? Porque seus objetivos de guerra são a destruição em massa do povo coreano. A única maneira de conseguirem se apoiar da terra coreana e de suas riquezas é a liquidação bestial da população, embora pretendam combater em nome da «civilização cristã». Como não conseguem esse sinistro e terrível objetivo no campo de batalha, vingam-se contra os prisioneiros, contra os velhos, mulheres e crianças das regiões momentaneamente ocupadas.

A Comissão Internacional Feminina que esteve na Coreia em maio de 1951 constatou as atrocidades ameri-

canas. «Cada fato, diz a introdução do documentário que expuseram à opinião mundial, prova que essa guerra de extermínio em massa, destruindo mais casas que objetivos militares, mais cereais que munições, matando mais mulheres, criança e velhos que soldados. É uma guerra contra a própria vida».

ASSASSINOS DE CRIANÇAS

É difícil dizer se é mais covarde o soldado que mata prisioneiros indefesos e desarmados ou o soldado que mata crianças. Os soldados americanos na Coreia, entre outros crimes terríveis, fizeram e fazem ambas as coisas.

Vejamos alguns fatos documentadamente provados pela Comissão Internacional Feminina, além de outras de juristas, de cientistas que igualmente fizeram inquéritos, na Coreia:

Yan Yen Duk, jovem mãe de 5 filhos, morreu em Fiongiang quando chegaram os americanos. Seus filhos foram mortos. O menor, de dois anos de idade, foi pisotado pelos americanos até que os intestinos lhe saltaram do ventre. A mãe foi violada por dois soldados americanos.

Ainda em Fiongiang os americanos transformaram um armazém em prisão de crianças. Antes de fugirem do Exército Popular Coreano, incendiaram a prisão, dando morte a 70 crianças.

Pen Dong Nam, camponeza de 34 anos, foi presa com o filhinho de colo. O oficial americano disse que ela não valia uma bala. Depois de amarrada, foi atravessada por um golpe de baloleta passada antes através do filho que carregava às costas à moda coreana. Como ela gritasse: «Viva Kim Ir Sen e a República», foi-lhe cortada a língua e depois enterrada viva.

Na cidade de Nampho, ocupada de 22 de outubro a 5 de dezembro de 1950, os americanos fuzilaram mais de mil pessoas. Entre as vítimas contam-se 932 homens, 452 mulheres e 354 crianças.

A lista é enorme. Escolhemos exemplos de 1950 por que eles demonstram que essas atrocidades não são recentes, mas foram praticadas sistematicamente desde o início da guerra de Wall Street contra o povo coreano.

Esses assassinos de crianças inocentes são os mesmos massacradores de prisioneiros de Kojé e Pomgan. Seus crimes não ficarão impunes.

CRÔNICA INTERNACIONAL

AUMENTAM AS AMARGURAS DOS SENHORES DA GUERRA

UMA simples resenha dos últimos acontecimentos internacionais mostra como aumentam dia a dia as amarguras dos fazedores de guerra. Eisenhower, que, antes de tomar posse do cargo de presidente dos Estados Unidos, já tomou seu banho de sangue na Coreia, declara de testa franzida que sua tarefa «não é fácil».

Algo não está funcionando bem no rebanho americano. O decrépito leão britânico com a corda no pescoço resolve se rebelar contra o estrangulamento a que o condena a «política atlântica» do Departamento de Estado. O novo pomo da discórdia é o mercado latino-americano do qual os ingleses foram desalojados pelos «amigos» ianques. Por mais que o representante inglês no Conselho do Pacto do Atlântico teime em responder a Stálin com o espetáculo duma «unidade» teatral no campo imperialista, os fatos teimam em trazer à tona as contradições anglo-americanas. Tudo indica que a América Latina vai ser cenário de aguda luta entre os dois sócios capitalistas.

Ao lado da derrocada do império britânico o império colonial dos imperialistas franceses oferece o espetáculo dum desmantelamento inevitável. O quadro se desenrola ao longo duma linha que vai desde a Indochina até a conturbada África do Norte.

Agora mesmo, os chanceleres dos países árabes da Ásia e da África, reunidos no Cairo, tomaram firme posição contra os colonizadores franceses. Eles adotaram decidida atitude em apoio de seus irmãos tunisinos e marroquinos, o que significa o isolamento da França. Diante disso, bem pouco significa a capitulação do bey de Tunis. E, para completar o quadro, aí está a queda de Pinay, que evidentemente não foi por causa do aumento de imposto sobre as bebidas alcoólicas, por mais que o vinho seja uma bebida popular na França. É o fantoche americano que cai sob o peso da oposição popular à sua política de guerra. Essa crise ministerial é a crise da própria política americana na França.

Enquanto isso acontece, Eisenhower inclina-se a aceitar a colaboração de Franco e Chiang-Kai-Shek para prosseguir na agressão ao povo coreano e ao mesmo tempo liberta mais um criminoso de guerra nazista, von Lizst. O isolamento progres-

sivo dos incendiários de guerra vai se desenhando aos olhos do mundo: Eisenhower vai tangendo seus grandes aliados: «Franco, Chiang Kai Shek, Singam Ri e um punhado de derrotados generais de Hitler para o exército da Nato, cujos efetivos tiveram que ser reduzidos de quase a metade, inclusive no papel».

Que contraste com o crescimento incessante das forças do campo da paz tão eloquentemente refletido no recente Congresso dos Povos, em Viena. Os delegados retornam a seus países e o que ressaltam diante de seus povos não são as divergências que surgiram, mas precisamente os acordos. Isso mostra que o livre e democrático debate foi frutífero e positivo, engrandecendo, ampliando e reforçando o Movimento Mundial dos Partidários da Paz.

Por exemplo, no comício realizado no Velódromo de Inverno, a famosa praça de reuniões públicas de Paris, os delegados franceses ao Congresso de Viena foram

unânimes em destacar a unidade a que se chegou entre representantes das mais diversas correntes e concepções política e filosóficas. Jean Paul Sartre, que declarou, antes, ir a Viena em busca duma possibilidade de paz, revelou aos seus concidadãos franceses que a encontrou. Não só verbeceu a imprensa reacionária que só se referiu ao Congresso dos Povos para mentir e adulterar os fatos, como manifestou alto e bom som sua esperança de ver aumentar ainda mais a força e prestígio do Movimento Mundial Pela Paz. O mesmo fizeram os delegados católicos.

Será de estranhar que fatos semelhantes, demonstrações e declarações desse teor se multipliquem em todos os países do mundo? Que os delegados brasileiros de volta à Pátria despersem novas camadas da população para a luta ativa pela paz?

O confronto fala por si. Enquanto o campo da guerra vai se reduzindo à sua verdadeira expressão, uma reconstituição do nazismo odiado pela humanidade, o campo da paz avança como a frente única de todos os povos pelo progresso e a liberdade, contra os assassinos forjadores duma nova guerra mundial.



JULIUS FUCHIK, o herói tcheco entregue à Gestapó pelos assassinos do bando de Slanski

SIM, SOU um espião... Sim, roubamos os trabalhadores... Trai... Revelei os segredos do Estado... Particpei da conspiração... Sabotei... Falsifiquei... Procurei apagar as marcas do meu crime... Escondi esse milhão... Procurei conquistar a confiança... Sim, fui um criminoso de guerra... Sim, sou um agente provocador...

Um a um iam eles desfilaro diante do Tribunal, em Praga, onde não ousavam encarar os juizes, a cabeça enterrada entre os ombros, uns respondendo com servil vivacidade, outros com voz sumida. Estavam colados contra a parede pela lógica férrea da acusação. Por isso não puderam negar. Alguns deles pelos crimes monstruosos que cometeram, foram condenados à morte: Rudolf Slanski, Bedrich Geminder, Ludwick Frejka, Joseph Frank, Vladimir Clementis, Bedrich Reicin, Karel Svab, Rudolf Margolius, Otto Fischl, Otto Sling e André Simone. Outros receberam como punição a prisão perpétua: Artur London, Vavre Hajdu e Evzen Lobl.

Não houve complacência para com os traidores da Tchecoslováquia, os assassinos de Julius Fuchik e Jan Sverma.

O INIMIGO INTERNO

Slanski declarou, durante o interrogatório: — O inimigo que se encontra dentro da fortaleza é o mais perigoso. Pode abrir as portas. Eu fui exatamente um tal inimigo...

Reconheceu que preparava a escravização do povo tchecoslovaco:

— Eu trabalhava para estabelecer uma ditadura fascista igual à de Tito na Iugoslávia, baseando-me nas invenções titistas a respeito de um caminho especial para atingir o socialismo. Eis por que meu nome é amaldiçoado hoje por todos os homens honrados; eis por que só me defendem os imperialistas, aos quais prestei valiosos serviços remunerados...

O trotskista Slanski, dependente de elementos da grande burguesia, ocultava ao Partido Comunista a sua verdadeira face. Graças a isso conseguiu atingir a direção do Partido e chegar a ser o seu secretário-geral. Entretanto, Slanski reconheceu que nunca foi comunista e sempre foi um traidor. Este carreirista revelou-se a figura mais cômoda para os imperialistas anglo-norte-americanos. O espião Ianque Geiringer Granville definiu-o bem: «Trata-se de um homem de capacidade excepcional e de muita paciência. Sabe esperar.»

Sim, Slanski sabia esperar. Durante muitos anos recrutou seus agentes e seus cúmplices, teceu a rede da conspiração. Ao escolher os sabotadores guiava-se por uma regra cínica: quanto mais suja for uma pessoa, mais facilmente a podemos ter em nossas mãos, dar-lhe ordens. Por isso Slanski colocava nos lugares de responsabilidade gente de passado pouco claro, gente de passado criminoso. Estes homens sabiam que Slanski podia denunciá-los a qualquer momento e por isso lhe eram particularmente dóceis e serviais.

Assim surgiu a ligação solidária dos homens de duas caras e dos espíões, destes indivíduos destituídos de qualidades morais, agentes do capital internacional, que escolheram como norma de conduta a traição e a sabotagem.

O povo tchecoslovaco comoveu-se com as vilezas dos agentes do imperialismo reveladas no processo. Mas, provavelmente, o que mais impressão lhe causou foi a revelação do papel que eles tiveram no trágico desaparecimento dos heróis nacionais da Tchecoslováquia Julius Fuchik e Jan Sverma.

Todos os que ouviram o interrogatório de Bedrich Reicin, ex-vice-ministro da Defesa Nacional, estremeceram, mais de uma vez diante do abismo insondável da corrupção humana.

Com voz monótona e apagada, este homem alto, grisalho, de ombros largos, cuidadosamente barbeado e penteado, com uma gravata impecável, um terno cinzento escuro bem passado, falava dos seus crimes.

Sim, ele, Bedrich Reicin, teve medo ao ser interrogado pela

“Homens, Sêde Vigilantes!”

A LIQUIDAÇÃO DO BANDO DE SLANSKI FOI O MAIOR REVÊS DA ESPIONAGEM IMPERIALISTA DEPOIS DA ÚLTIMA GUERRA

Reportagem de EUGENIO VOROBIOV.
(de “Tempos Novos”)

não secreta da qual participaram Truman, Acheson, Ben Gurion — atual primeiro ministro de Israel —, e Morgenthau, ex-secretário da Fazenda dos Estados Unidos. Nessa reunião chegou-se a um acordo a respeito do chamado «Plano Morgenthau-Acheson», que especificava as condições sob as quais os Estados Unidos apoiariam o Estado de Israel. Uma das condições consistia em fazer o governo e os agentes de Israel trabalharem para os serviços de informação norte-americanos.

É por isso que Slanski colocou em postos de direção do Comitê Central do Partido, nos ministérios do Exterior, do Comércio Externo, da Fazenda e em outros setores os trotskistas, nacionalistas e sionistas: Geminder, Frejka, London, Lobl, Fischl, Margolius, Sling e Hajdu.

O ex-ministro do Exterior Clementis, nacionalista burguês eslovaco muito ligado a Benes, também mantinha contacto com o grupo de conspiradores. Vladimir Clementis era agente da Sureté Nationale (serviço de espionagem francês), desde 1939, quando foi recrutado por Maurice Déjean, em Paris. Quando Déjean chegou à Tchecoslováquia, na qualidade de embaixador, foi-lhe muito fácil obter informações confidenciais...

No processo de Praga citou-se muitas vezes o nome do conhecido trabalhista Koni Zilliacus. Agente do Intelligence Service desde 1918, segundo se descobriu agora, ele se fez passar muito tempo como amigo do campo democrático e da União Soviética. Zilliacus estava ligado a toda a rede de espionagem imperialista do centro e do leste da Europa: com Tito, na Iugoslávia; com Gemulka, na Polónia; com Rajk na Hungria; com Kostov, na Bulgária; e, afinal, com Slanski, na Tchecoslováquia. Propositadamente, havia sido criada para ele na Inglaterra uma aura de liberal e de opositorista, para que melhor pudesse desempenhar sua missão. Os conspiradores da Tchecoslováquia estavam intimamente ligados a Zilliacus.

Outro nome fétido foi citado com frequência no processo: o do agente norte-americano Herman Field, que desenvolveu ativo trabalho de espionagem na Tchecoslováquia. Mais tarde ligou-se a estas atividades seu irmão Noel Field, já desmascarado no processo de Rajk. Ambos eram colaboradores imediatos do espião americano Allen Dulles.

Assim, a descoberta e a liquidação do bando de Slanski constituiu o maior revêz da espionagem imperialista depois da guerra.

A IRA DO POVO

O povo tchecoslovaco recebeu a sentença com enorme satisfação. O Tribunal recebeu cerca de 10.000 resoluções e cartas em que se pedia a condenação à morte dos acusados. Os trabalhadores comprometem-se a não economizar esforços a fim de eliminar rapidamente as consequências da sabotagem, a se unirem ainda mais firmemente em torno do Partido Comunista.

Os prejuízos materiais e políticos que Slanski e seus cúmplices causaram à jovem República são grandes. Não se podia manter a calma ao ouvir os depoimentos dos peritos em economia, em comércio exterior e finanças.

Durante o processo foram citados exemplos de como os sabotadores construíam fábricas que não eram necessárias e destruíam minas cuja atividade era indispensável. Na Usina Konev os sabotadores derrubaram altos-fornos que poderiam ter podido funcionar ainda por muito tempo e para substituí-los construíram outros de igual potência. Vendiam-se aos Estados Unidos e à Iugoslávia mercadorias a preços baixos, enquanto se cobrava três vezes mais dos países democráticos.

A sabotagem causou um prejuízo imenso na planificação da economia. Era aqui que Ludwik Frejka exercia sua atividade. Criava-se uma desproporção artificial entre os diferentes ramos da indústria. Freavam-se ou esbanjavam-se os recursos do Estado; diminuía-se artificialmente a extração de matérias-primas (minério de ferro, metais não ferrosos). Ludwik Frejka reconheceu que a sabotagem dos conspiradores causou ao país prejuízos de uns cem bilhões de coroas.

O grupo de Slanski fez tudo quanto estava em seu alcance para intensificar a dependência econômica do país em relação ao Ocidente capitalista, para debilitar a amizade e cooperação com a União Soviética e os demais países democráticos, para frustrar a construção do socialismo, provocar a inflação e dificuldades de abastecimento, para levar a um beco sem saída ramos inteiros da indústria e desorganizar a agricultura.

Mas, a força do regime de democracia popular é invencível, é invencível o fecundo entusiasmo das massas trabalhadoras que edificam o socialismo. Apesar das intrigas e das manobras do inimigo, a economia nacional da Tchecoslováquia, longe de debilitar, alcançou êxitos brilhantes. Os pigmeus do bando de Slanski não conseguiram impedir que já em 1951 o nível de produção industrial de antes da guerra fosse ultrapassado em mais de 70%. E em 1952 o volume total da produção industrial crescerá ainda de 21,1% em relação ao nível de 1951.

A testemunha Gusta Fuchikova terminou suas declarações diante do Tribunal com as palavras de Julius Fuchik:

«Quem foi fiel ao futuro e morreu para que o futuro seja formoso, assemelha-se a uma estátua esculpida em pedra. Quem procurava, com as cinzas do passado, construir um dique e conter a torrente da revolução não passa de uma figurilha de madeira podre...»

Figurilhas podres, varridas pela vida — é o que se revelaram os espíões e colaboradores do bando de Slanski.

O povo tchecoslovaco demonstrou que tem bem presente o legado de seu filho fiel Julius Fuchik.

— Homens, sêde vigilantes!

Gestapo, passou a ser seu confidente e na qualidade de agente da Gestapo foi para a União Soviética em 1940, infiltrando-se durante a guerra na unidade militar tchecoslovaca.

Sim, ele, Bedrich Reicin, foi um provocador e entregou um grupo de membros do Comitê Central clandestino do Partido Comunista Tchecoslovaco, bem como os redatores da edição clandestina de «Rude Pravo», ao comissário dos S.S. Elbers.

— Diga os nomes — exige o promotor.

E Reicin enumera suas vítimas. Entre elas, Julius Fuchik...

O presidente anuncia que o Tribunal havia recebido um requerimento de Gusta Fuchikova. A esposa de Julius Fuchik desejava fazer declarações como testemunha.

Em meio a um dramático silêncio fala Gusta Fuchikova, editora das obras de Julius Fuchik, membro do Comitê Tchecoslovaco de Defesa da Paz. Chama Fuchik de «Julek»: assim o chama todo o povo. Evoca sua infinita fidelidade à causa do povo. Lembra como Fuchik trabalhou na clandestinidade, como compartilhou com Reicin seu último pedaço de pão, como se preocupava com que Reicin, o homem que havia de ser o seu assassino, passasse as noites a coberto de qualquer perigo.

— Ao ler os documentos do processo — diz Gusta Fuchikova — examinei novamente toda a conduta de Reicin e me convenci de que o traidor foi ele. Visitou-nos em Pilsen, onde Julek se ocultava, e logo depois vieram os homens da Gestapo. Visitou Fuchik em duas outras residências clandestinas e também ali foram os fascistas à procura de Fuchik. Nessas ocasiões Julek só escapou à morte graças às medidas de cautela que adotava. Mas, depois, Reicin orientou a Gestapo e todos os nossos pontos clandestinos de ligação caíram...

No processo também foram esclarecidas, em todos os seus detalhes, as circunstâncias da morte de Jan Sverma. Slanski reconheceu-se culpado de sua morte. Sverma foi o chefe da rebelião eslovaca e o falso guerrilheiro Slanski dirigiu-se para a Eslováquia de avião a fim de minar a luta por dentro...

Assim, no banco dos réus sentaram-se ao mesmo tempo os assassinos de dois heróis nacionais da Tchecoslováquia: Jan Sverma e Julius Fuchik.

Ficou claro diante do Tribunal que os conspiradores tramavam também o extermínio físico de Clement Gottwald, o chefe do povo tchecoslovaco.

AGENTES DE CINCO SERVIÇOS DE ESPIONAGEM

Uma longa lista de espíões e agentes secretos foi revelada no Tribunal. Slanski e seus cúmplices trabalhavam para cinco serviços de espionagem: o norte-americano, o britânico, o francês, o israelita e o iugoslavo. Cada criminoso enviava mensagens secretas a seus dirigentes, cada um tinha seus pontos de ligação e suas senhas, cada um tinha seus chefes e seu instrutores de espionagem. Alguns trabalhavam para diversos centros, acumulavam funções...

— Para quem, então, não se comprometeu o senhor a trabalhar? — perguntou o promotor a André Simone, quando este enumerava seus repugnantes delitos.

— Mantive ligação com os serviços de espionagem francês, britânico e norte-americano — respondeu sem pestanejar esse espião.

Um murmúrio de indignação cobriu suas palavras. E esse homem insignificante, encurvado, encanecido, com cavanhaque pontagudo e pómulos salientes num rosto marcado de rugas, continuou a prestar declarações, a responder ao promotor, rebuscando cifras sujas em sua memória.

Outro sequez de Slanski, muito próximo dele é Josef Frank. Há vinte anos entregou à polícia burguesa um grupo de soldados e revolucionários. No acampamento fascistas de Buchenwald foi escriturário e tradutor, laiaio dos nazistas. Espancava os presos, fazia as listas dos condenados à morte. Terminada a guerra, os antigos presos de Buchenwald incluíram seu nome na lista de criminosos de guerra. Slanski promoveu e estimulou Frank, escondendo o seu passado.

Da mesma maneira promoveu outro criminoso de guerra, Karel Svab, ex-vice-ministro da Segurança Nacional.

— Como devo agir? — perguntou Svab ao ser designado para um posto tão alto.

Leia Joseph Fouché — aconselhou-lhe Slanski.

Isto acontecia enquanto os patriotas tchecos, depois de formarem sua unidade de combate em território da U.R.S.S. corriam com armas nas mãos, ao lado do Exército Soviético, para salvar sua pátria torturada pelos fascistas e banhada em sangue; enquanto os guerrilheiros da Eslováquia, dirigidos por Jan Sverma, lutavam heroicamente contra os fascistas, num combate desigual; enquanto no cárcere de Pankrac sofria Julius Fuchik... A esse tempo, os agentes e correligionários de Benes e Ripka, aventureiros cosmopolitas e burgueses, nacionalistas eslovacos, sionistas, maçons e trotskistas, viviam folgadamente, na emigração, em Londres.

Quando o poderoso Exército Soviético salvou a Tchecoslováquia do jugo fascista, quando os tanques soviéticos correram em ajuda aos patriotas tchecos sublevados em Praga, todo esse magote de emigrados correu para a Tchecoslováquia. Tinham pressa de ocupar bons postos e começar seu trabalho de sapa. Tinham a missão de arrancar a Tchecoslováquia do campo da paz, devolvê-la ao seio do capitalismo, fazer fracassar o cumprimento do programa de construção da democracia elaborado em Kosiice, debilitar as relações amistosas da Tchecoslováquia com a União Soviética.

O serviço de espionagem dos imperialistas disseminou esses espíões na Tchecoslováquia como Ridgway espalhou micróbios na Coreia e na China. Ficou claro que seis dos quatorze acusados já eram agentes secretos antes da guerra; os demais eram, digamos, um produto do tempo da guerra.

OS FINS DA CONSPIRAÇÃO VÃO A

WASHINGTON E A LONDRES

No processo de Praga demonstrou-se irrefutavelmente que o Estado de Israel assumiu o vil papel de centro internacional de espionagem. Em 1947 realizou-se em Washington uma reu-

3 DE JANEIRO, DIA DE FESTA E DE LUTA

FRANCISCO GOMES

3 DE JANEIRO não está escrito em números vermelhos nas folhinhas, mas é um dos maiores dias de festa para milhões de corações brasileiros. É o dia do aniversário de Prestes, o grande guia e mestre do nosso povo.

Em todos os recantos de nossa patria, nos lares e nas fabricas, nos quartéis e nos navios, nas escolas e nas fazendas, os patriotas voltam seu pensamento nesse dia para o homem simples e genial que dedica toda sua imensa inteligencia, seu caracter puro e sua energia de aço à luta pela felicidade do povo brasileiro.

A mocidade, que se mostra indignada com os planos do governo de traição para mandá-la morrer na Coreia, sauda a 3 de Janeiro o mestre querido e herói da juventude, o grande Prestes, que denuncia incansavelmente a política de guerra de Vargas, o criminoso Acordo Militar com os Estados Unidos.

É com odio e revolta que os patriotas civis e militares assistem à transformação do Brasil em colonia americana, o assalto às nossas riquezas pelos trustes ianques e por isso comemoram com entusiasmo o aniversário de Prestes, defensor inflexível da soberania nacional.

Submetidos à mais cruel exploração e privação dos direitos mais simples da pessoa humana, milhões de trabalhadores que labutam nas fabricas e nas oficinas, nas minas e nos portos, erguem naquele dia suas mãos calosas para saudar seu melhor companheiro, o maior dirigente operário do Brasil, o chefe do Partido do proletariado — o Partido Comunista, que conduz a classe operária à conquista de dias melhores.

Os camponeses do Triangulo Mineiro ou das estancias gauchas, das fazendas de São Paulo ou dos canaviais do Nordeste, cansados de trabalhar como animais para enriquecer os donos das terras, festejam cheios de alegria o 3 de Janeiro, porque sabem que sua luta pela terra para acabar com as injustiças e os crimes dos grandes fazendeiros, tem à frente Prestes, o amigo dos camponeses, o inimigo do latifundio.

Num país como o Brasil, onde há 70 por cento de analfabetos, onde o livro é objetivo de luxo e os collegios só existem para os filhos dos ricos, os intelectuais honestos brindam à saúde de Prestes, líder das forças que combatem por um regime progressista, capaz de assegurar o bemestar e o desenvolvimento cultural ao povo brasileiro.

Todos os homens e mulheres de nossa terra, que sofrem a exploração e a opressão do imperialismo norte-americano e do governo de traidores a seu serviço, desejam longos anos de vida ao homem cujo nome é a bandeira de luta do povo, a Luiz Carlos Prestes, que exprime toda a resistencia nacional aos opressores e exploradores, que conduz o povo brasileiro à substituição deste governo inimigo do povo por um governo do proprio povo — um governo democrático popular.

3 de Janeiro é dia de festa para o povo, dia de festa e de luta. O povo manifestará nesse dia sua imensa dedicação e estima, seu apoio entusiastico ao camarada Prestes.

Pulestras e sabatinas serão realizadas nas empresas e nos bairros, nas cidades e nas fazendas, e nestas reuniões novos e novos combatentes entrarão para as fileiras do Partido de Prestes — o Partido Comunista do Brasil.

Prestes será homenageado com fogos de artifício e reuniões familiares, com festas e torneios esportivos, onde seu nome será saudado com carinho e patriotas exaltarão sua luta à frente do povo brasileiro.

Para levar ao povo a palavra combativa e esclarecedora de Prestes, divulgaremos seus informes e seus artigos entre as massas, milhares de volantes, jornais e folhetos, inspirados na orientação de Prestes, serão distribuídos em cada fabrica, nas ruas e no campo.

O nome de Prestes surgirá nos muros de cada cidade como simbolo da luta do povo, seu aniversario será comemorado em muitos lares como o aniversario da pessoa mais querida, milhões de brasileiros saudarão aquele que batalha à frente de todos nós pela paz, a felicidade e o progresso do Brasil.

LONGOS ANOS DE VIDA A LUIZ CARLOS PRESTES. GUIA QUERIDO DO POVO BRASILEIRO NA LUTA PELA PAZ E PELA INDEPENDENCIA NACIONAL!

Esquema Para Palestra Sobre Prestes



UMA das melhores maneiras de se comemorar o aniversario de Luiz Carlos Prestes é com a realização de palestras sobre sua vida e suas lutas, em particular sobre sua posição — que é a posição do Partido Comunista — diante dos problemas atuais. Além de contribuir para o esclarecimento de comunistas e simpatizantes, estas palestras devem contribuir para o próprio fortalecimento orgânico do Partido, graças ao recrutamento de novos membros a que podem dar lugar, e para impulsionar as lutas em que se empenham hoje os brasileiros.

Damos abaixo um ligeiro esquema para palestra, que pode ser completado com dados do livro de Jorge Amado «O Cavaleiro da Esperança» e das pequenas biografias de Prestes feitas por Arménio Guedes e Jacob Gorender, publicadas respectivamente nos números 6 e 24 da revista PROBLEMAS. Ela também deve ser enriquecida com a citação de trechos de Prestes, especialmente do seu informe à reunião de fevereiro do C.N., publicado no n.º 39 de PROBLEMAS.

— A vida de Prestes constitui uma preciosa fonte de ensinamentos e um exemplo concreto para a juventude revolucionaria, para todos quantos desejam solucionar os problemas do povo.

— Prestes encarna as melhores qualidades do nosso povo. Seu caracter e sua inteligencia já o distinguiram no Colegio e, depois, na Escola Militar. Apesar de sua modestia, Prestes era reconhecido como o mais capaz. Já era então um líder querido dos seus contemporaneos.

— Depois, na qualidade de oficial de engenharia, Prestes se destaca tanto por sua capacidade, energia e honradez quanto por se fazer um comandante querido pelos soldados.

— O período revolucionario, que atravessa o mundo desde a vitoria da Revolução de Outubro e que já repercutiu no país com as poderosas lutas proletarias de 1917 a 1920, atinge também as camadas medias e parte da burguesia. Embora sem uma orientação clara seus líderes pretendem dar ao país uma orientação progressista. É o período do tenentismo. Prestes participa das conspirações de 1922 e 1924; em

29 de outubro desse ano se levanta o Batalhão Ferroviario de Santo Angelo, reúne-se às tropas do general Isidoro na Força Iguaçu e do inicio à celebre marcha da Coluna Invicta.

— A marcha pelo interior do Brasil colocou Prestes em contacto direto com a realidade brasileira, levando-o a compreender toda a profundidade dos problemas a serem resolvidos e convencendo-o de que não seriam golpes técnicos que poderiam solucionar a situação brasileira. Isso e mais o espirito de justiça, o espirito rigorosamente científico de Prestes prepararam-no para, à base de um profundo estudo do marxismo, convencer-se de que só o caminho apontado pelo Partido Comunista — o caminho do combate ao imperialismo e ao latifundio — poderia conduzir a uma solução real dos problemas brasileiros.

— No exilio Prestes aprofunda-se no estudo do marxismo, abandona o tenentismo e passa a prestigiar inteiramente a orientação do Partido Comunista.

— Em 1931 Prestes dirige-se para a União Soviética,

colaborando ali com es gigantescos trabalhos de edificação do socialismo em que se acha empenhado o país.

— A 1. de agosto de 1934 Prestes entra para o Partido Comunista do Brasil e em 1935 dirige o grandioso movimento da Aliança Nacional Libertadora, a primeira tentativa séria do povo brasileiro de forjar uma frente comum das classes e camadas interessadas na luta contra o imperialismo e contra o latifundio. O movimento estende-se por todo o Brasil e em face disso a reação governamental, aliada aos integralistas, tenta sufocá-lo. E reagindo contra isso que os aliancistas tomam as armas no Rio Grande do Norte, Pernambuco e no Rio de Janeiro, em Novembro de 35. Por varias razões, o movimento foi sufocado. Mais tarde (Discurso do Pacaembu — 1945) Prestes diria: Nosso erro naquela época não foi o de empunhar armas contra o fascismo, mas o de não estarmos organicamente à altura dos acontecimentos e de não sabermos ainda nos defender e conosco ao nosso povo, das provocações fascistas.

Preso no inicio de 1936, Prestes acusa e confunde seus carcereiros, reagindo com vigor contra as inominaveis torturas morais que lhes são infligidas. A única preocupação de Prestes é defender o seu Partido, a revolução, a União Soviética. Quando num 7 de novembro é chamado a defender-se de imputações caluniosas, longe de preocupar-se com as acusações que lhe são feitas, utiliza a tribuna para saudar a data máxima do proletariado internacional. Por outro lado, mesmo nas difíceis condições em que se encontra, Prestes preocupa-

se com os problemas do Partido, não perde oportunidade para combater o liquidacionismo, para defender a necessidade da existência do partido do proletariado.

Posto em liberdade como consequência da vitoria das forças democraticas contra o fascismo, em escala mundial, e de um poderoso movimento pela anistia e pela democratização do País Prestes surge como o líder mais prestigiado do povo e, ao mesmo tempo, como chefe dos comunistas, sendo eleito pouco depois para a secretaria geral do Partido.

— Na direção do Partido, Prestes preocupou-se com todos os seus problemas. A questão das quantias, as questões técnicas de organização, bem como os problemas fundamentais de agitação e de propaganda, de orientação sindical, etc. são abordados pelo camarada Prestes. A impetiva democratica e, em grande parte, irruído do seu trabalho.

— Mas o que caracteriza a atividade do camarada Prestes e sua preocupação permanente por apontar soluções para os problemas básicos do nosso povo, por mobilizar as forças capazes de resolvê-los. A luta pela paz e defesa do que nos resta de soberania e a conquista de uma completa independência nacional, a instauração de um governo de paz e de independência nacional, de um governo democrático popular, são questões sempre presente em seus trabalhos.

— O camarada Prestes aponta com clareza a todo o Partido que a luta pela paz constitui, neste momento, a nossa tarefa central e decisiva. Mas a luta pela paz e também a luta em defesa da vida dos brasileiros, contra o envio de tropas para a Coreia. A luta pela paz funde-se com a luta pela independência nacional, é a luta contra o chamado Acordo Militar, instrumento através do qual os americanos procuram dar novos passos no sentido da colonização do Brasil e ligar-nos definitivamente às suas aventuras gurreiras.

— O camarada Prestes mostra como a solução dos problemas fundamentais do nosso povo só será obtida com lutas crescentes e com a instauração de um governo democrático popular. «Lutando pela paz nesse Partido levanta bem alta a bandeira da independência nacional e da democracia popular», diz no Informe de Fevereiro. Essa é também a lição fundamental do Manifesto de Agosto.

— Comemorando o aniversario do camarada Prestes, devem ser tomadas medidas concretas para:

a) reforçar a luta contra o Acordo Militar com os Estados Unidos.

b) fortalecer o Movimento da Paz e levar a todos os brasileiros as resoluções do Congresso dos Povos.

c) Reforçar a unidade e a organização da classe operária. Impulsionar as lutas por aumento de salários e contra a carestia, fortalecer os sindicatos com campanhas de recrutamento, de organização por fabricas, etc.

d) esclarecer permanentemente nosso povo sobre a necessidade da luta por um governo de paz e independência nacional, um governo democrático popular.

Papai Noel é Mais Antigo Que o Nata

A história fascinante de imagens, canções e costumes de épocas diversas e povos diferentes que se entrelaçam através dos tempos ★ Goethe, o grande poeta, propagou e difundiu a árvore de Natal



Esta é a deusa egípcia Isis, representada pela escultura milenar amamentando seu filho o deus sol. Essa festa pagã de natividade era celebrada anualmente em Alexandria. O culto ao sol representou um esforço para introduzir o monoteísmo entre os antigos egípcios, apresentando-o como fonte de toda a vida e fecundidade sobre a face da terra. Os romanos também festejavam o deus sol de maneira muito semelhante. Era o deus sol invencível. Sua festa anual de natividade era celebrada a 25 de dezembro, data que a Igreja escolheu, no século IV, para o natal de São João, que afinal predominou.

QUANDO se fala em Natal surgem imediatamente em nosso pensamento as árvores coloridas e luminosas, os presépios, as missas do galo, o Papai Noel, esse mensageiro da fraternidade humana, carregado de presentes. Lembramo-nos das claras imagens em que a virgem de suaves e puros olhos vela pelo menino rosado na mangedoura, cercado de querubins que entoam cânticos de paz.

Toda essa tradição do Natal foi se formando aos poucos através dos tempos, numa lenta soma de costumes, de canções e de imagens que se foram encontrando e se reunindo, vindas dos mais diferentes e variados lugares. O Natal como existe hoje, como o conhecemos, é o resultado da fusão de vários ritos, religiões e costumes.

Vejamos um breve resumo dessa história fascinante.

ISIDE, A MAE DO DEUS — SOL

A festa da Natividade já era celebrada séculos antes do Cristianismo. Em Alexandria, no Egito antigo, expunha-se aos olhos do povo uma estátua da deusa Isis, também ela mãe e virgem, trazendo nos braços seu filho, o deus-sol. Isis era figurada no ato de amamentar o menino-deus. Os fiéis rodeavam a imagem entoando hinos ao menino e à mãe. Esse dia de festa era 25 de dezembro, solstício de inverno, em que se celebrava o nascimento do sol.

Sempre em coincidência com o solstício de inverno, realizava-se em Roma, muito antes do cristianismo, o «Natalis Solis Invicti», o Natal do Sol Invencível. O sol deificado, era o centro de uma espécie de monoteísmo, que os imperadores tentaram instaurar como religião do Estado. Identificava-se com o deus persa Mitra, de quem se dizia que «domina o mundo, como o imperador domina o Império». Grandes festejos eram realizados por ocasião do natal do sol em Roma.

O PRIMEIRO NATAL FOI NO SÉCULO IV

A Igreja cristã começou a festejar o Natal, no século IV, portanto, quatrocentos anos depois da data irradicada como sendo do nascimento de Cristo. Nem mesmo na Palestina, terra de Cristo, era celebrada festa de natal antes dessa época. A Igreja sentiu a necessidade de comemorar o advento do deus feito-homem e foi buscar na tradição dos povos a data que mais lhe conviria. Levou-a também a escolher a data de 25 de dezembro, a necessidade de terminar com a festa pagã do «Solis Invicti», que ainda era realizada em Roma, sede do cristianismo.

A missa-do-galo apareceu mais tarde. A missa da meia-noite era celebrada em homenagem a Sta. Anastacla, martir cristã, na noite de 25 de novembro. Com a transferência para o dia 25 de dezembro, deixou a missa-do-galo de figurar entre os festejos dedicados à santa, para se incorporar definitivamente à tradição do Natal.

O PRESEPIO: IMAGENS DE VARIAS EPOCAS

O presepio é uma contribuição grega. Os gregos comemoravam a Natividade em 6 de janeiro, quando expunham um presépio aos olhos dos fiéis. Aos poucos, esse uso foi difundindo-se em todas as partes do mundo e cada povo foi incluindo suas contribuições, por meio de figuras de mais diversas naturezas. Os germanos co-

Assim, um presépio moderno, além do clássico grupo da mangedoura, possui numerosos personagens novos, aos poucos incorporados, frades, lenhadores, pescadores, mineiros, camponeses lavadeiras, crianças, etc., todos trabalhando, tudo moderno, movido à eletricidade.

Num emaranhado mágico de imagens de épocas diversas cruzam-se figuras dos tempos atuais e da antiguidade: o trenzinho elétrico, entrando e saindo de pequenos túneis, parando nos sinais e apitando nas curvas, também vai render homenagem ao menino-deus, ao mesmo tempo que avançam lentamente os reis magos montados em seus sonolentos camelos.

Esse mesmo presepio, transforma-se, moldando-se às necessidades e vontades de cada povo. Na China, suas figuras adquirem um suave tom amarelado, os olhos se repuxam; São José ganha um rabicho de mandarim, enquanto que o Menino em nada difere dos recém-nascidos chineses. Nos países africanos, vemos uma Virgem negra velando por seu filho, da mesma cor. E assim continua o presépio a correr mundo, ganhando cada dia novos personagens, que se juntam às outras na mais entontecedora confusão.

UM PRESENTE DO POETA GOETHE

A árvore de Natal é ainda mais recente. O grande poeta alemão Goethe a descobriu numa aldeiazinha da Alsacia, onde ela ocupava um lugar preponderante nos festejos do Natal. Encantado, não cansou o poeta de enaltecê-la, até difundí-la por toda a Alemanha. Hoje, em todos os lugares do mundo, ela se tornou o centro das atenções: são para ela os melhores enfeites, é em volta dela que se amontoam os presentes, que se reúne a família. Não há criança no mundo que não abrigue o sonho de possuir a sua árvorezinha. Ela cresceu, enfeitou-se, modificou-se. Traz em seus ramos coloridas bolas, alegres sinos, é iluminada eletricamente. Tornou-se o símbolo do Natal, a humilde árvorezinha da Alsacia, mas ainda conserva em seus ramos verdes a neve de seu país.

PAPAI NOEL SUPORTA NOSSO VERÃO ABRAZADOR

E o Papai Noel? Este é mais velho que Cristo! Os romanos já o conheciam sob o nome de Rei Saturno, velhinho de barbas brancas que distribuía presentes a partir de 17 de dezembro. Suas festas chamavam-se

nheciam-no sob nome de Wotan. Era querido por outros sob o nome de São Martinho, velhinho de longas barbas brancas, que percorria as nuvens montado num burrico, distribuindo presentes às crianças.

Na França, ele toma, em certas regiões o nome de Saint Nicolas, noutras ele é o velho conhecido Papai Noel. Na União Soviética, com o nome de Vovô Frío, distribui presente à criança que o estima realmente. Os norte-americanos o chamam de Saint Claus

Mas, na Argentina Papai Noel não aparece, porque os reis magos tomaram o seu lugar. E a eles que compete a distribuição de brinquedos, em 6 de Janeiro, «La Noche de Reyes» dos argentinos já cantada por Gardel. No Brasil, houve uma tentativa para substituí-lo pelo «vovô indio», tentativa que fracassou. E ela continua sorridente, dentro de sua roupa de lã, sob o nosso verão abrasador, a distribuir presentes para os mais favorecidos e sorrisos complacentes para os demais.

UMA FESTA UNIVERSAL

As festas de Natal são as mais variadas. Na Inglaterra, o «Christmas», como o chamam, assume o caráter do Carnaval. Papai Noel, vestido com sua roupa vermelha visita as casas e os lugares de reunião de pessoas. Os sinos tocam alegremente. Em muitas regiões da Europa, as crianças percorrem as casas cantando canções de Natal. Nos Estados Unidos realiza-se grande passeata de gigantescos «Papais-Noéis», seguidos de longo cortejo de figuras dos livros infantis. Em certas regiões do Brasil é dia consagrado a refazer amizades rompidas durante o ano.

O Natal, fusão de várias religiões, de vários ritos, pertencentes aos mais variados povos é hoje universal, é uma festa que une todos os corações, todas as vontades das pessoas simples do mundo, num desejo ardente de paz e de felicidade. É uma festa de confraternização, de esperança, de paz e de alegria. O Natal é o dia em que trocamos os mais afetuosos votos, que perdemos a ofensa, que presentamos os amigos. O Natal é comemorado em toda a parte do globo, com pequenas nuances regionais, mas sempre com o mesmo espírito de confraternização e amor.

As pessoas simples, em todos os países, aspiram celebrar esta data de paz, por excelência. Desejam festejar o natal com tranquilidade no coração e livres do temor do dia de amanhã, com suas crenças, alegres e felizes, sentadas em torno da mesa coberta de guloseimas, abraçando os brinquedos tão sonhados e desejados. Por isto este natal de 1952, com seus votos de felicidade, fala tanto da mais bela e mais ardente aspiração de todos os seres humanos: a Paz.



Um flagrante duma festa de natal na União Soviética, vendendo-se uma enorme árvore de natal. Anualmente chegam às grandes cidades toneladas de pinheirinhos.